



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Bianca de Menezes Castro da Silva

**Cotidiano das escolas: corpos em movimento, visualidades, sons, belezas e  
bagunça**

Rio de Janeiro

2020

Bianca de Menezes Castro da Silva

**Cotidiano das escolas: corpos em movimento, visualidades, sons, belezas e bagunça**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Aldo Victório Filho

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S586 Silva, Bianca de Menezes Castro da.  
Cotidiano das escolas: corpos em movimento, visualidades, sons, belezas e  
bagunça / Bianca de Menezes Castro da Silva. – 2020.  
94 f.

Orientador: Aldo Victório Filho.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Educação

1. Relações Internacionais – Teses. 2. República Democrática do Congo –  
Teses. 3. Conflitos – Teses. I. Victório Filho, Aldo. II. Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Bianca de Menezes Castro da Silva

**Cotidiano das escolas: corpos em movimento, visualidades, sons, belezas e bagunça**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais.

Aprovada em 23 de junho de 2020.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Aldo Victorio Filho  
ProPED UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Inês Barbosa de Oliveira  
ProPED UERJ

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Aristóteles Berino  
UFRRJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alexandra Garcia  
ProPED UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Sussekino Verissimo  
UNIRIO

Rio de Janeiro

2020

## DEDICATÓRIA

Para a escola pública e a criançada que faz arte, por sua efervescência e posição ética-estética transgressora.

Para Adriana de Menezes Castro da Silva.

## AGRADECIMENTOS

A Deus! Por iluminar os meus passos.

A minha mãe, Adriana, por todo apoio e exemplo de mulher forte.

A minha irmã, Beatriz, por compartilhar da juventude comigo.

Ao meu Pai, Ronistone, pelo esforço.

Ao meu companheiro, Igor, por todos os abraços de conforto em meio as crises da vida.

A escola pública e aos seus professores que criam dia a dia a micro resistência.

A UERJ e seu sistema de cotas que ampliaram minha dimensão histórica, política e humana. #UERJRESISTE.

Aos meus Alunos, criadores desta dissertação, pelos vastos conhecimentos e experiências nos olhares da vida.

A iniciação científica e sua importância na contribuição da minha formação acadêmica.

Agradeço ao Aldo pela oportunidade e por tornar a vida acadêmica tranquila e livre.

Agradeço a Inês pelas experiências enquanto sua bolsista e trocas sobre a escola pública.

Às professoras, professores e funcionários que movimentaram minha vida na formação à docência.

Danielle, amiga uerjiana, pelos diálogos de resistência e partilha de aventuras em viagens acadêmicas.

Nayara, Nathalia e Aline por dividir comigo os prazeres e as dores que é trabalhar na escola.

Tudo o que não invento é falso. [...] Sempre compreendo o que faço depois que já fiz.  
[...] É sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo.

*Manoel de Barros*

## RESUMO

SILVA, Bianca de Menezes Castro. *Cotidiano das escolas: corpos em movimento, visualidades, sons, belezas e bagunça*. 2020. 94 f. Dissertação em Educação – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta pesquisa é uma cartografia do imaginário escolar. Demasiadamente empática e embelezada. Na potência da criação redesenhamos os gostos, anseios e posicionamentos dos discentes na efervescente rota cotidiana. Uma mistura de experiências corpóreas que modificam a cada oportunidade o gosto pela vida. Na aventura de ressignificar a conquista da escola encontramos recursos possíveis a sua atualização e uma troca estética nos encontros diários na sala de aula. Com a aposta na licença poética e outras formas de fazer pesquisa, o mapeio das vivacidades e dos sentimentos latentes, ganham espaço para conversar com as problematizações diárias. Em torno dos elos e das supérfluas criações encontramos pistas da exteriorização do corpo em meio os percursos de casa até a escola e dele até o mundo. Assim, no ritmo de esvaziar-se do vir a ser escola, criando a beleza, o som e a bagunça do que é a escola e mais, como os alunos de maneira objetiva beneficiam-se dela. Questões da corporeidade são expressas nas visualidades e apontam as demandas expostas em determinadas aulas, das quais nunca retornaremos, por entender que não podemos capitalizar uma produção estética tática. Mas, compreendemos o valor para os alunos e rotas para novos processos de microrresistências. Portanto, registramos efeitos dos encontros entre professora-pesquisadora e alunos, que cabem as boas novas na educação prazerosa, ética e estética.

Palavras-chave: Educação. Movimento. Redes Educativas. Arte.

## ABSTRACT

SILVA, Bianca de Menezes Castro. *Everyday life in schools: moving bodies, visualities, sounds, beauty and jumble*. 2020. 94 f. Dissertação em Educação – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This research is a cartography of the youth imagination. Too empathetic and embellished. In the power of creation, we redesigned the tastes, desires and positions of the students in the effervescent daily route. A mixture of bodily experiences that modify the taste for life at every opportunity. In the adventure of reframing the achievement of the school, we found possible resources for its updating and an aesthetic exchange in the daily meetings in the classroom. With the bet on poetic license and other ways of doing research, the mapping of vivacities and latent feelings, gain space to talk with the daily problems. Surrounding the links and superfluous creations, we find clues to the exteriorization of the body in the midst of the journey from home to school and from it to the world. Thus, in the rhythm of emptying itself from becoming a school, we emerge the existential fullness of what the school is and more, how students objectively benefit from it. Corporeality issues are expressed in visualities and point out the demands exposed in certain classes, from which we will never return, because we understand that we cannot capitalize on a tactical aesthetic production. But, we understand the value for students and routes for new micro resistance processes. Therefore, we developed the effects of the meetings between teacher-researcher and students, which fit the good news in pleasant, ethical and aesthetic education.

Keywords: Education. Movement. Educational Networks. Art.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escrito no final do ano de 2018 até o início de 2020.....	15
Figura 2 - Os corpos nas escolas. ....	21
Figura 3 - Materialização do corpo na escola.....	26
Figura 4 - A conquista da escola .....	29
Figura 5 - Brincando no pátio.....	31
Figura 6 - A arte misturada com a vida por uma aluna .....	34
Figura 7 - Rabiscção do uniforme .....	36
Figura 8 - Mar.....	38
Figura 9 - Cabeça amarela .....	39
Figura 10 - Sala despida .....	41
Figura 11 - Sala sem as crianças.....	42
Figura 12 - Esse sou eu.....	45
Figura 13 - Artistas .....	47
Figura 14 - Pés em movimento.....	51
Figura 15 - Os passo .....	52
Figura 16 -Desmontando os lugares .....	53
Figura 17 -Criando o mural .....	56
Figura 18 - Tocando .....	57
Figura 19 - Abstrações.....	57
Figura 20 - Confeccionando a sala .....	58
Figura 21 -Bonecos em azul e branco .....	60
Figura 22 -Bonecos coloridos.....	61
Figura 23 -Boneco indomável .....	63
Figura 24 -Relações dos corpos.....	65
Figura 25 -Máscara inventada .....	67
Figura 26 -Máscara em processo .....	68
Figura 27 -Página do material curricular .....	69
Figura 28 -Sentimentos.....	70
Figura 29 -Imaginário .....	71
Figura 30 -As artes .....	72
Figura 31 -Visualidades da vida .....	74
Figura 32 -Visualidades marcantes.....	74

Figura 33 -Mesclação em mapa.....	75
Figura 34 -Cidade do Rio de Janeiro .....	76
Figura 35 -Ao ar livre .....	79
Figura 36 -Comendo e comemorando .....	80
Figura 37 -Bicicleta humana .....	81
Figura 38 -Apresentações de Dança .....	82
Figura 39 -Na luz.....	83
Figura 40 –Grupo do Whatsapp.....	84
Figura 41 -Cabelo colorido .....	86
Figura 42 Carnaval .....	87

## SUMÁRIO

1	<b>FELIZMENTE, ESCOLAS E CORPOS</b> .....	11
1.1	<b>Escolas</b> .....	15
1.2	<b>Corpos</b> .....	18
2	<b>AS REDES TÉORICAS E METODOLÓGICA</b> .....	22
2.1	<b>Cotidiano corporal</b> .....	25
3	<b>A ESCOLA É TODA DE VOCÊS, CRIANÇADA</b> .....	35
3.1	<b>Invasão da sala</b> .....	40
3.1.1	<u>Invasão visual e sonora</u> .....	44
3.1.2	<u>Invasão da prática estética</u> .....	48
3.2	<b>Movimento belo</b> .....	54
3.3	<b>Movimento intangível</b> .....	64
3.4	<b>Movimento em redes educativas</b> .....	72
3.5	<b>Movimento bagunceiro</b> .....	78
3.6	<b>Movimento professora-pesquisadora</b> .....	85
	<b>PARA SE PERDER E INVENTAR NA PESQUISA E NA SALA DE AULA</b> .....	88
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	92

## 1 FELIZMENTE, ESCOLAS E CORPOS

Felizmente, continuaremos a ser de carne para não perder o sabor do mundo.

*David Le Breton*

Me alegra dissertar sobre o festejo do corpo que dia a dia rompe a rotina na fascinante trama de práticas para além das margens que lhe são impostas. Ao andar sobre as condições sociais, prazerosas e ilusórias, a vida em sua incomensurabilidade começa e se estender nos corpos. Inútil, portanto, medir ou validar situações, ou pior, impor grandeza e miséria à vida, que se faz na veemência de um corpo, guiado por tantas forças, e deixar assim de tentar entender seus fluxos e reverberações que constroem o cotidiano e nele se constroem.

A emoção assumida vem da trajetória íntima da que lhes fala, oriunda da escola pública na educação básica, cotista da escola pública na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e atualmente professora do Ensino fundamental – anos iniciais, na rede pública municipal do Rio de Janeiro. O ensino e espaço público foram responsáveis por toda minha formação e continua sendo. Quando penso nos processos da minha vida, em primeiro lugar, me remeto à força que a educação pública teve e a força que ela continua tendo, mesmo diante dos desafios e problemas comuns às escolas públicas em um país com as singularidades e contradições como o nosso. Não apostaria na linearidade sequencial da passagem de aluna à professora, na medida em que fui sendo tão professora como aluna na minha invenção cotidiana, como vou sendo tão aluna nas investidas dos meus professores de menos de doze anos. Esses papéis sociais na escola não sobressaem entre as táticas dos envolvidos. Fascina saber que não podemos definir papéis fixos para os corpos escolares, pois a atenção aos seus cotidianos constata que, no fundo, e na superfície estudantes e professores são os artistas de si.

Eu, corpo, deixo-me entrelaçar com as artes cotidianas. Estou diante de um universo que está há muito tempo investido na minha subjetividade, mas, surpreendentemente, sempre está frutificando. São frutos produzidos pelos movimentos corpóreos que acompanham a plasticidade da subjetividade, como se o que pensássemos decorresse da experiência corpórea e vice-versa. Tais reflexões advém do interesse em entender como a rebeldia, a indisciplina e o descontrole minavam a ordenação e muitas vezes propiciavam outras rotas de relação e produção das sociabilidades. O corpo, inseparável da experiência do que lhe é externo, sempre necessitaria de um choque, seja quando precisa sentir à volta de si ou quando se choca

com o descompasso do outro. A partir desta pesquisa, busco conferir outros modos de entendimento do que sempre envolve a cotidianidade escolar e constato, em situações diversas, a complexa riqueza da vida social, embrionada nos corpos – que são também nascidos da “embrionagem” social. Ao observar os corpos infantis percebo que são irredutíveis às explicações pragmáticas e julgamentos moralistas. A imaginação corpórea, misto de sensações intraduzíveis pela linguagem, intimida e nos indica o quanto nos equivocamos. Contudo, o modo como aprendemos a entender tais experiências passam por uma linha excludente, o que muitas vezes nos leva a deixar de contemplar a pluralidade ou diversidade que nos cerca e envolve.

Para além da consciência domada pela razão, há o que poderíamos denominar inteligência instintiva. Então, para além do que temos como elaboração de pensamentos complexos. Certamente somos inteligentes nas ações corpóreas, as quais não necessariamente passam pelo entendimento ou codificação racional. Aludo aos gestos, toques, suspiros e operações estéticas que são gestados na caça instintiva de como ser e estar no mundo. Impulsos tão arcaicos quanto a existência humana, incluiriam também o que poderíamos chamar de devaneios corpóreos, na medida em que o corpo também não seria tributário exclusivo da objetividade.

Nessa perspectiva, o corpo flutuaria no universo, se elevaria sobre as conjunturas sociais estando então, disperso do que lhe ordenam, e em alguns casos desfrutaria dessas condições. De todo modo, atenta às errâncias dos corpos no cotidiano ordenado das escolas, percebo como conseguem flutuar sobre as armações que lhe cercam. O corpo sempre imerso nas relações sociais, classificações dos papéis sociais, sujeito às instituições e instruções do contrato social, foi e continua sendo alvo do sistema excludente e vítima da repressão de seus ecos latentes. Pela aspiração à liberdade dos jugos que lhe oprimem, o corpo emerge e fertiliza-se. A palavra fertilidade significa qualidade ou condição de ser fértil, essa relação com o corpo deve-se deter na efervescência festiva de criar, ser corpo é ser criação, tanto sob a perspectiva da mutabilidade permanente diante da ação do tempo e dos contextos físicos, quanto sob as ocorrências simbólicas. Experiências que impõem a permanente criação do que é o corpo, em outros termos, o corpo é devir. Assim, todas as redes educativas irrigam o corpo, e estimulam sua dimensão criadora que faz liberar o que importa para nós, que estamos aqui, lendo e tentando apenas contemplar a magnitude da humanidade.

Sobre a intensidade de devir diante de todos modos de repetição, o corpo atravessa toda sorte de turbulência social. Ou seja, os agenciamentos reguladores que põem em risco e até aniquilam o que o do corpo emerge como criação estética, outros modos de embelezar a

vida. Pois, muitas vezes tais criações surgem a contrapelo dos interesses institucionais ou culturais, contradições que deflagram ações contrárias que as destroem. Tais destruições são de toda ordem e atingem desde as imperceptíveis fugas da ordem até as ações mais flagrantes. A oposição às criações espontâneas do corpo nem sempre lhe são externas, internamente, dependendo do quanto estejamos enclausurados aos meios legitimados, projetamos a autodestruição. A produção da beleza corpórea passa por muitos enfrentamentos, muitas vezes até alcançar os momentos de efetiva felicidade e à culminância da experiência, há de se sofrer enorme desgaste de energias.

A morte social, isto é, a negação deste corpo na sociedade, ocorre quando se ergue uma obra diferente desse sujeito, seja na sua interação ou na costura do seu corpo. A epifania surpreende por não haver o que dizer, esquecemos dos signos que nos sustentam e ficamos perdidos. Pronto, a morte do corpo criativo é renascer em um novo mundo, ainda inabitável e pronto para lhe pertencer. E acontece que não cabe significá-lo, se não ele perde seu efeito. O choque da racionalidade e das emoções contempla esse renascimento, por sua indissociabilidade corpórea.

Os modos com os quais o corpo fertiliza a terra variam e extrapolam a compreensão meramente racional, a captação das ações corpóreas é feita pelos corpos, nos gestos e movimentos. Nesse âmbito, a linguagem da palavra, pode menos. O deslumbramento diante dessas constatações anima, estimula e encaminha esta pesquisa. Nunca me senti um corpo tão exuberante em criar, no entanto, sempre almejei fazer parte deste movimento. Como disse, anteriormente, eu professora, estou atenta à vida via o corpo e suas intuitivas demonstrações de criação e sobrevivência. O período no qual escrevo é pesado sob vários aspectos, contudo, em meio a todo tipo de dificuldade, a leveza da vida, também presente nos corpos diante das situações adversas, se evidencia potente. O cotidiano é a vida irreduzível a qualquer conceituação estável, e nos percalços, surpresas e repetições que o constituem está o corpo indisciplinável, mas, que performa adaptações e oportunas obediências. Captar tal jogo em sua tessitura epistêmica, entre o que se é e não se explica sobre e sob o que se cria na fugacidade do dia a dia é a utopia desta pesquisa.

A nossa produção conjunta conduziu a formatação e a tessitura do texto. A introdução foi a última escrita movimentada, por abranger a dinâmica dos alunos e me ajudando a desenvolver os tópicos.

Nas primeiras palavras prezo pelo meu pertencimento a esfera pública, um privilégio (almejado por mim) na educação. O norteio dos meus sentidos estão vinculados à adjetivação do estranhamento em sala de aula como meio de realização da pesquisa e gosto pelas

alteridades. Na abundância da criação notei a necessidade de admirar a vida cotidiana supérflua em seu potencial estético. Mesmo na intimidação, à ordem social, o corpo mostrava-me formas de realizar o mundo. Na licença poética, novamente, lembro-me da teoria sobre o efeito borboleta. Em síntese, a borboleta ao bater as asas no Brasil poderia causar um tornado nos EUA?! Na microesfera escolar poderia o passo de um corpo causar um desequilíbrio nas rotas?! Acredito na intensidade de pequenos gestos na construção de novos modos de habitar o mundo.

Mesmo intrincado aos males da sociedade, a dinâmica social dos passos corpóreos despertou um ligamento de importância na pesquisa: O RITMO! O MOVIMENTO! Uma mobilidade feita por cada corpo que envolve a criação. Para isso, o efeito sentindo em cada atividade proposta tem em sua emergência a palavra movimento. Mesmo vindo da linha cotidianista, ela toma rumo central de incorporação aos gestos imagéticos. Uma forma mais que relevante de invocar o movimento estabilizado. Não só por isso, ainda considero que o meu uso excessivo da palavra não deve ser desconsiderado ao decorrer da dissertação e mais, talvez foi a palavra mais significativa para mim durante meu processo formativo na graduação, no mestrado e agora na docência.

Cada capítulo carrega o movimento, seja o íntimo e\ou coletivo da pesquisadora e dos colaboradores. Primeiro confesso que não segui um roteiro premeditado do que iria ser desenvolvido em cada capítulo, cada aula formou rotas e a missão de transcrever o intangível.

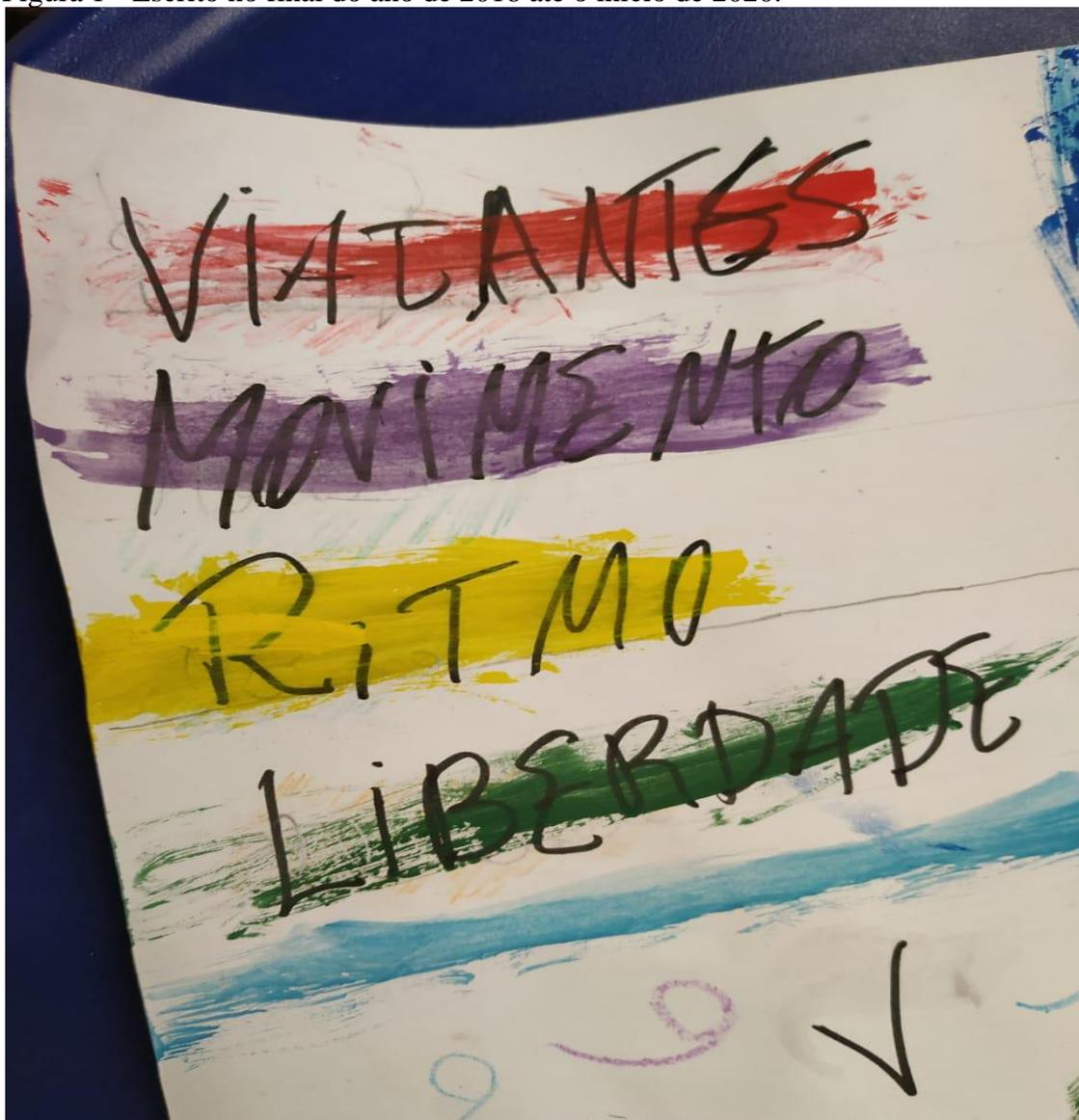
No primeiro capítulo mergulhei de corpo na pesquisa e analiso o meu papel durante meu percurso formativo até o mestrado. E, faço uma autorreflexão do ser professora recém concursada, em uma carga horária de quarenta horas semanais em um novo universo, o de habitar a sala de aula à frente do quadro. Um chamado para o envolvimento contínuo de nós, dentro da vida escolar. O entrelaçamento do ser humano para rabiscar os indícios das manifestações criadas coletivamente, principalmente, dentro da sala de aula.

No segundo capítulo sigo a metodologia cotidiana com a circulação das teorias para formular novos questionamentos pelos feitos dos seres humanos e a poética em diálogo com a ciência para expor as várias maneiras de contemplar o mundo.

No terceiro capítulo, trato da invasão do corpo, necessário ao mundo, como resultado do pertencimento insurgente dos seres humanos as instituições formais, de exemplo a escola. Gestados pelas multiplicidades dos modos criativos da cultura visual, sonora e práticas estéticas, constituímos movimentos alternativos da escola inventada.

No quarto capítulo deixo minhas considerações sobre tudo que percorremos na vida escolar e humana.

Figura 1 - Escrito no final do ano de 2018 até o início de 2020.



### 1.1 Escolas

Para além do republicanismo dos bons sentimentos, para além da tagarelice do pensamento oficial, é preciso saber identificar a lógica secreta em ação nesta pós-modernidade em gestação.

*Michel Maffesoli*

Certo moralismo árido paira sobre as escolas. Muitas argumentações válidas podem explicar essa condição, contudo, talvez nenhuma a justifique. O desafio posto seria reverter a estrutura constituída sob a visão conservadora, para então descentralizar os papéis e regras autoritárias e improdutivas. Tal aventura implicaria no risco do descontrole do programa

escolar – comportamento dos sujeitos e cumprimento de metas - e na sempre mencionada defasagem da aprendizagem. Mas, o que o corpo alerta para uma dimensão epistemológica cujo alcance e sucesso não dependeria das formulações convencionais do planejamento e adaptação imposta. Tal dimensão residiria na profundidade das coisas e vivências banais e nas suas criações muitas vezes discretas no tempo espraiado no dia a dia. O triunfo do corpo explora a substância “escolas”, mesclando seus enfrentamentos e cultos de prazeres em uma vasta mobilidade, festejando as escolas. As várias escolas que existem simultaneamente em cada escola e inapreensíveis pela compreensão hegemônica da educação formal.

A despeito de tudo, das políticas públicas e demais orientações formais, a escola se faz cotidianamente. Sob essa compreensão, a escola no plural carrega a infinidade das práticas elaboradas na soltura do corpo. E, portanto, é por tais práticas afetada e desviada das rotas estriadas da oficialidade. O cotidiano escolar é matéria praticável, as ações que vemos nos corredores e demais espaços praticados, desde o controlado tempo das aulas aos breves escapes para banheiros e bebedores, revelam o imaginário infantil descrito e inscrito nos corpos em gestos discretos ou estabanadas correrias. O universo de trocas entre os corpos traz o encanto da mutação. Os muros das escolas escondem rituais de afetos, emoções, criatividade, a serem revelados, mas jamais colonizáveis nem pelas palavras que os descrevem, nem pelas regras de controle que os tentam alvejar. Tais jogos de existência franca e imprevisível só podem ser fruídos como acontecimentos poéticos plenos de energias epistêmicas e criadoras, pois oferecem o que são, prazer, diversão e modos fugazes de existir sob o peso do que não se escolheu ou sequer compreendeu plena e amistosamente as finalidades.

Crendo nessas vitalidades do corpo que existe nas escolas públicas e alcançam a dimensão subjetiva de cada um que participa direta ou indiretamente desses cotidianos, busco oferecer imagens da escola enfatizando a dimensão pública, evitando recortes excludentes. O maior compromisso do espaço e bem público seria atender a todos, compreensão assimilada na pesquisa e potencializada em suas ações. Contudo, percebo o processo contínuo de deslocamentos dos desejos e necessidades individuais que se desviam das regras sociais para transbordar sentimentos advindos da singularidade pessoal. Jogo delicado e incontornável que implica em compreender a individualidade como módulo constituidor do coletivo.

Muito mais do que livros, cadernos, provas e todos os elementos contratuais da escola, vemos desdobramentos corpóreos que constituem esse universo e criam sem hesitação relações poderosas de aprendizagem, e mesmo que não envolva diretamente as práticas outorgadas de ensino, alcança seus objetivos via o imaginário do gosto pelo mundo. Nas

escolas cabem e convivem vários mundos que as transformam nas várias escolas que surpreendem cotidianamente a percepção interessada. São feitas pelos corpos andarilhos que transitam nos cotidianos escolares com suas histórias e encontros. O saber aberto do mundo, para além do currículo oficial, ensina a escola a ser múltipla, de modo a acolher, mesmo que transitoriamente, cada corpo que se desloca em seus corredores. Atenta aos entusiasmos feitos na escola pelo corpo-eu, corpo-social e corpo-mundo busco captar a força constituidora dessas escolas, força da presença corpórea nas produções cotidianas, de alguma maneira, sempre produções estéticas.

A escola é uma obra em permanente construção por aqueles que a atravessam. O desafio maior parece emergir quando certo moralismo produtivista tem como inútil a criação que foge à programação e controle. Sob a apreensão atenta e sensível dos seus cotidianos, a escola, em suas multiplicidades, parece ser desafiada pela importância do que seria curricularmente supérfluo, como o gozo pela vida no presente inescapável recheado de encontros, simpatias e animação comum às crianças e aos jovens. Atribuir sentido, ou explicar tais festejos implica em se perder o ritmo, afastar o desejo e ignorar o poder do corpo em neutralizar, mesmo que momentaneamente, as forças normativas. Gumbrecht (2010) define que:

Produção de presença [...] busca libertar-se da autodefinição hermenêutica predominante nas ciências humanas para, em seguida, imaginar terrenos conceituais alternativos, não hermenêuticos e não metafísicos, que introduzam no cerne dessas mesmas ideias científicas o que o significado não pode transmitir (2010, p.10)

É compartilhando da superfície profunda das ações cotidianas que podemos compreender a dimensão existencial e corpórea coletiva. Na complexidade das linhas de encontros e criações pessoais enroscadas nos corpos há também um viés de derrisão útil à captação do sentimento de mundo. Em outros termos, de sentir-se como parte e autor de algo maior que o somatório de individualidades.

Ao narrar as escolas, eu incorporo a ideia de ser uma pesquisadora participante para que juntos, leitores e autora, possamos desvelar, aqui com o sentido de criar imagens mais do que alcançar realidades, as imagens alcançadas durante o processo da pesquisa.

A escola que me apresenta sua infinidade se localiza na zona oeste do Rio de Janeiro, sendo também território da minha história. Ao observá-la como pesquisadora, apreendo o quão são importantes os interstícios entre a escola e seu contexto social, assim como as características da ruptura da sincronia moderna que pulveriza etiquetas sociais e culturais. A zona oeste não seria apenas a zona clandestina de determinadas vivências sociais. Toda sorte de atravessamento de saberes e hábitos fazem a complexidade da atualidade escolar. No caso desta pesquisa, as práticas concentram-se no Ciep – Centro Integrado de Educação

Pública, popularmente conhecido como Brizolão<sup>1</sup> - local do meu trabalho como professora e investigadora. Os CIEPs foram criados como projeto educacional de Darcy Ribeiro no governo Leonel Brizola, em 1982, voltado para a democratização da educação de qualidade na perspectiva de uma Educação Integral, em horário integral. Hoje pouco sobrou do projeto original, pois este foi descontinuado como consequência das trocas de governo e decorrentes entendimentos da educação pública.

Entretanto, considerando seu projeto original, penso ser oportuno, em benefício da compreensão do que destaco na pesquisa, afirmar o projeto de escola pública gerida por todos que passam pelo Ciep. Não necessitam de os ofícios sociais para os acontecimentos tomarem o cotidiano escolar de tons e sons, isto é, professores e alunos são colaboradores do processo educativo e resgatam nas suas ações a força estimuladora da melhoria do ensino aprendizagem. A tessitura em rede, primordialmente, acontece no retorno do corpo aos contornos cotidianos, o que exige uma outra postura diante do mundo. Nilda Alves (2008) nos inspira a decifrar o pergaminho, com mais exatidão, ao literalizar a ciência e narrar a vida. Nisso, percorro escolas narradas pelos corpos e seus vestígios do *saberfazer* que apontam rotas humanizadas. A arte de compor essas escolas está na minuciosidade da estética sociopolítica e cultural. A estrutura da escola é transformada por um apanhado de ressignificação e fomenta outras realidades.

Na quadra, na direção, no refeitório, nos corredores, nas salas e nos banheiros sentimos o passante corpo, em cada lugar da escola há pistas de formas de operar feitos que ligam o imaginário às atitudes e ações. Ao encontro, nas lutas, nas alegrias, nas dores, nos sucessos e fracassos, libertando-se quando possível do peso moralista que quer obliterar o corpo, vemos os respingos dos sentimentos. Com audácia, vejo o belo sendo produzido na escola. Desta forma, eu me proponho a olhar o belo na/da banalidade cotidiana escolar, me preocupo em captar as belezas fugazes e sempre presentes que amenizam o cansaço das mutilações sociais.

## 1.2 Corpos

O corpo transborda toda represa representativa que lhe seja imposta, bem como ultrapassa os discursos que lhe pretendam equacionar sob alguma paralisia categorial.

*Aldo Victorio Filho*

---

<sup>1</sup> Apelido em homenagem ao governador Leonel Brizola, que criou o projeto dos CIEPS em 1982.

Dentre os equívocos das boas intenções que pretendem organizar as escolas, ao corpo são designadas nomenclaturas em prol do planejamento, uma estratégia central do ensino formal. Assim, o corpo, em todos os sentidos sobretudo o incarnado, discente é de fato alvo da escolarização. Antes mesmo do seu nome, da concretude de sua história, das práticas e invenções que dão existência ao indivíduo, predomina o termo ‘aluno’ para definir sua significação, papel e atuação esperada. Assim, tomamos como obstáculo a falta de sintonia da vitalidade do corpo com seu papel na escola. Não raro, as assertivas contrárias imperam sobre o comportamento do aluno, seja em grupo ou individualmente, via de regra condenando a rebeldia sempre tida como inconveniente ou inadequada à ordenação curricular e disciplinar da estrutura vigente capitalista.

Quando cito o currículo prescritivo, faço menção a Base Nacional Curricular Comum – BNCC. Nisso, alerta para a necessidade de reconhecer o direito dos conhecimentos construídos antes e fora da escola para além dos direitos de aprendizagem de conteúdos prescritos fora do universo social dos alunos. Por isso, tantas manifestações incompreendidas no universo escolar, com o princípio de marginalização do que foge à via de regra.

Evidentemente, diante das urgências que tomam o dia a dia escolar, a reflexão sobre a corporeidade e seu potencial de criação e participação no fluxo formativo pareceriam exotismo, contudo, espanta a ausência quase radical da consideração do corpo em movimento, rebelde ou não, inadequado ou inconveniente, como processo de autocriação individual e coletiva. Parece também evidente que o impedimento do movimento inadequado, ou seja, a bagunça, a gritaria e derrisão tão presentes na vida escolar, seria, de certa forma, a alienação do corpo no mundo. O corpo humano está emaranhado nos condicionamentos sociais e na sua capacidade de viver astutamente, ou seja, o acúmulo de toda sorte de experiências e afetos. Seria, portanto, essa a característica responsável pelo espetáculo do corpo. A esse respeito, Maffesoli (2009) afirma não estarmos mais na ordem da representação, mas sim da ‘*apresentação*’, a isso o autor chama de a contemplação do mundo (p.95). Parece, portanto, que a contemplação da criança incarnado na escola com seus interesses e histórias reflete na compreensão de aspectos sociopolíticos caros ao sucesso das finalidades escolares.

Atenta às peripécias das crianças, observo que a complexidade do corpo em ação, irreduzível a apenas uma de suas possibilidades de leitura, gera desconforto, na medida em que interrompe o programado, mas, ao mesmo tempo se mostra força motriz de criatividade. Com produções do tempo presente o aluno questiona a escola singular das esferas classificatórias, controladoras e exclusivistas. A demanda corpórea do aluno, insinua mais que a mera incapacidade de atender os comandos disciplinadores, suas necessidades, de

movimento e fala apontam outras lógicas e meios que podem favorecer a produção confortável e mais farta do conhecimento escolar. As redes de relações e demais jogos de compreensão e criação do mundo tecidas pelos alunos sugerem, portanto, a formulação de criações curriculares e de convívio escolar atualizadas. Aludimos à atualidade que parece distante de uma instituição na qual predominam procedimentos organizacionais antigos e em cuja antiguidade, como pode ser conferido nas histórias da Educação (ALVES; OLIVEIRA, 2006), sempre pareceu incompatível com a natureza infantil ou juvenil. Isto é, o conhecimento como prática social advém da tessitura dos conhecimentos, por isso encaminhamos a relevância das pesquisas em educação que evidenciam as práticas e suas errâncias.

O corpo estudante perdido e encontrado em si mesmo parece sempre em transformação e uma das mais evidentes decorrências de tal estado são os aspectos poéticos que os envolvem e aproximam da criação estética. Mesmo uniformizado, como suporte dos sinais de afetos e gostos, aponta a obra contínua da vida como realização artística. Uma construção iniciada na comunicação com o mundo e afirmação de seus sentidos. A intenção da pesquisa voltada para os modos estudantis de ser e estar na escola, para além da atuação isolada nas rotinas oficiais, é contribuir com as iniciativas teóricas e investigativas favoráveis à produção curricular afinada com as potencialidades estéticas humanas, indissociáveis dos compromissos éticos. A trama de ações diárias do aluno da escola pública não se encerra na sua particularidade, trata-se também da comunhão entre pares e oposições que partilham dos dilemas e frutos da escola inseparável de suas vidas. As energias dos corpos somadas indicam o diferencial da ação escolar e de suas práticas favoráveis ou não às ações incontroláveis dos corpos. A subjetividade, mesmo em seus aspectos íntimos, necessita das trocas múltiplas, da diversidade de experiências e proposições, assim como do compartilhamento das paixões em comum, quando parece ser destituído o contrato social pelo contato dos afetos. A proposta que emerge seria a da partilha das emoções, mesmo que condenáveis sob a visão dos conservadores. Despidos das leis autoritárias, o corpo nu da ordenação autoritária ressignifica a moralidade e seduz o mundo.

Nossas vivências atravessam a linha da sala de aula convencional em nome do entrelaçamento dos saberes, dos toques, das imagens e das bagunças. O contato como fonte de energia e enfiamentos foi a força motriz dos movimentos na escola. Os corpos quanto mais envolvidos estão, mais choques diários produzem. Isso é belo, esses são os movimentos das escolas.

Figura 2 – Os corpos nas escolas.



## 2 AS REDES TEÓRICAS E METODOLÓGICA

Acredito com paixão, hoje, que não posso pesquisar os cotidianos da escola, sem “revolucionar” os modos apreendidos com a ciência moderna.

*Nilda Alves*

Para fazer/pensar a pesquisa detenho-me na tessitura cotidiana, sensivelmente, aguço meus sentidos para os movimentos, balanços, ventos e todo e qualquer indício de conquista corpórea na ocupação dos espaços e tempos, nas práticas cotidianas e, sobretudo, nas ações que implicam na desestabilização das ordens vigentes. São as quebras mínimas da rotina que abrem as rotas, grandiosas, para a exaltação e afirmação do corpo, tema central à pesquisa. Nos fragmentos que constituem o mosaico cotidiano, estamos expostos às aventuras e à fruição das belezas e agruras da arte de ser. Certamente, ao tratar desses frutos diários na escola, não desprezo a problemática da relação ensino e aprendizagem, pois entendo que os objetivos da pesquisa, mesmo que minimamente alcançados, serão úteis aos esforços dedicados ao fortalecimento da vida escolar.

Com uma metodologia em movimento os autores foram surgindo conforme as pistas das crianças. Afirmando tais escolhas, Certeau alicerça a invenção diária das crianças com a bricolagem das suas táticas e estratégias, Alves alimenta os caminhos para a pesquisa no\do cotidiano das escolas, Filho afirma a importância da pesquisa pós qualitativa tendo o forte envolvimento dos colaboradores, Maffesoli inspira a admiração pelos prazeres cotidianos das crianças e o gosto pela bagunça e Oliveira com a ideia dos currículos como produção cotidiana dos *praticantespensantes* nas\das escolas, para além da norma e dos conteúdos.

Na perspectiva cotidianista, em Nilda (2015) entendemos que essas maneiras incluem, de modo inseparável, o *fazerpensar*, tanto como a *prácticateoriaprática*, em movimentos sincrônicos que misturam, sempre, agir, dizer, criar, lembrar, sentir (p.154)”. Logo, recorro à condução teórica e procedimental inspirada nos postulados da *pesquisa pós-qualitativa*. Conforme Filho et al. (2017), a pesquisa pós-qualitativa conta com o aproveitamento mútuo dos colaboradores e investigadores sobre os acontecimentos vivenciados no campo da pesquisa, ou seja, a validade do trabalho reside no fato de que os processos são positivos a todos os envolvidos. Pesquisador e colaboradores se relacionam como coautores do processo e de seus resultados. No caso específico desta pesquisa, o festejo corpóreo é a ponte para

produzir o panorama de saberes almejado e a sua exploração se dá a partir do fortalecimento das relações professora/investigadora/investigada/estudantes/investigadores/investigados.

Os caminhos seguem na sintonia das surpresas cotidianas, contudo há atividades programadas, oficinas envolvendo a linguagem falada e escrita aliadas à criação imagética, sonora e visual, narrativa e gestual (FILHO et al, 2017). A produção da pesquisa tem como norte o caráter estético e, portanto, parte dessas atividades contando com o atravessamento das ações espontâneas dos praticantes envolvidos nas ações planejadas.

Outro recurso metodológico investido na pesquisa é o que denomino ‘cartografia corpórea na pesquisa em educação’, incorporando a conversa com a visualidade. Assim, o registro do campo resultará das produções visuais e ou sonoras somadas a outras manifestações dos afetos dos envolvidos que podem ser colocações verbais, movimentos corpóreos individuais e coletivos, etc..

Detalhes e acontecimentos banais que se perdem no dia a dia, atravessam as estruturas físicas e simbólicas da escola e oferecem conhecimentos ainda não cogitados ou explorados na dinâmica dos conteúdos escolares.

O sucesso da pesquisa será, portanto, definido pelo grau de fortalecimento da formação dos envolvidos via o reconhecimento das práticas cotidianas, que embora mormente desprezadas, me surgem como fonte de saberes úteis à atualização da escola. O conhecimento e valorização das experiências do coletivo da pesquisa, mediados por nossas agitações e serenidades cotidianas, realizam o elo de horizontalidade social, aspecto importante para o florescimento das vastas escolas e dos infinitos corpos na transitoriedade do dia a dia. E, alicerçando a referida união, estaria a atividade corpórea, em seu potencial comunicacional e afetivo, que nos qualifica individual e coletivamente no jogo das relações formais e espontâneas. Entendo que o percurso errático do corpo é lido frequentemente como algo a ser corrigido como se o corpo aprendiz devesse sobretudo assimilar rotas programadas nos espaços interno e externo. Antes de qualquer avaliação visando ao aproveitamento da movimentação dos corpos discentes, a prática oficial escolar aplica a correção e o encaminhamento direcionado pelas atividades oficiais. No entanto, reconhecemos o risco implícito na abordagem proposta, do equívoco que podemos cometer ao tentar atribuir sentido único ou maior a qualquer uma das “maneiras de fazer” (CERTEAU, 2012) dos corpos no cotidiano das escolas ou de qualquer outra instituição. Na condução da pesquisa, busco estar alerta para que os conceitos aplicados sejam cuidadosamente avaliados para que não ocorram reduções ou superdimensionamento das inventividades e manifestações corpóreas.

A formação escolar pode ser compreendida de formas diversas e entre estas como processo de apreensão do mundo em sua complexidade e incomensurabilidade, ou seja, a mediação entre os saberes incontáveis cotidianamente e alguns meios de sistematização que contribuam com o desenvolvimento pessoal e coletivo, tornando os mananciais de informações em redes de saberes que favoreçam a posse democrática do mundo. Quando pensamos o mundo nos deparamos com o imensurável, infinito e alterável. Cada aluno, parte e criador do mundo, modifica as repetições.

Saber captar as diferenças, superando a indiferença (pelo outro) aprendida, exige um longo processo no qual cada sujeito “conta”. Assim, ao contrário do que aprendemos/nos ensinaram, [...] [nos espaçostempos cotidianos], precisamos entender as manutenções para além da ideia de falta de vontade de mudar, submissão ou incapacidade de criar, como tantos fazem. É necessário olhar/ver/sentir/ tocar (e muito mais) as diferentes expressões surgidas nas inumeráveis ações que somente na aparência, muitas vezes utilizada para impressionar alguém postado em lugar superior, são iguais ou repetitivas. Preciso mesmo buscar outro sentido para o que é repetição, buscando entendê-la nas suas múltiplas justificativas e necessidades (ALVES, 2008, p. 11-12).

Nessa aventura grandiosa de se entender em meio a tantas coisas, o corpo é demandado e atua. Tal atuação, processo cognitivo e criativo de si e do que o envolve, configura o alvo do projeto. Apreender ou alcançar âmbito tão complexo e fugaz me leva a pensar em uma metodologia poética centrada nos encontros corpóreos da e na escola.

A fraqueza, ou melhor, a falta de energia reflexiva limita a compreensão do que nos acerca. Contudo, a força da reflexão é relativizável, ou seja, o critério da verdade não é mais considerado como simples encadeamento de pensamentos, mas que dele fazem parte os curtos-circuitos, as tentativas atrevidas [...]” (MAFFESOLI, 2009, p.111). As verdades são os emaranhados corpóreos, são desconhecidas e surpreendentes porquanto mutáveis e instáveis.

As gestualidades, práticas e produções muitas vezes prescindem das palavras para expressar o sentimento desenvolvido. O “não verbal” é o enigma revelado na corporeidade, cuja interpretação precária inutiliza expressões ao ligar movimentos a categorizações estáveis. Tento não recorrer a definições exatas e limitadoras. Antes de interpretar, a metodologia poética que busco aplicar, me leva a desfrutar a dimensão estética dos movimentos erráticos dos corpos na realização de seus pertencimentos e posse do e no mundo. A retórica inescapável no registro formal da pesquisa implica na subserviência a vocabulários e sintaxes, dispositivos de enquadramento e condução do que se pode e quer afirmar. Tentando superar minimamente tais imperativos recorrerei às imagens visuais que serão em muitos momentos mais fidedignas que as palavras. Afinal, trata-se de escolas praticadas onde se pode gozar a vida. Gozo inalcançável fora da representação estética de seu acontecimento. Maffesoli

(idem), diz que “gozar a vida” causa horror, com razão, aos que têm medo da vida (p.84). A admiração pela vida e os prazeres cotidianos revelam à pesquisa do cotidiano o ordinário em seu esplendor e singularidade.

Assim, para conceber os currículos escolares efetivamente presentes nas escolas é preciso estar em seus cotidianos, no diálogo e deslocamentos para a produção dos acontecimentos. Há uma circularidade de conhecimentos formais e não formais, crenças, valores, práticas e ideias que solidifica o currículo praticado (OLIVEIRA, 2012). A lógica de múltiplas manifestações a permanência dos conteúdos constitui qualitativamente a vida escolar. Todas as ideias de multiplicidade, provisoriedade, dinamismo e imprevisibilidade que o currículo praticado carrega (OLIVEIRA, idem), exige que consideremos a produção do corpo na vida escolar. Com um pouco mais de ousadia amplio os vastos conhecimentos criados nos currículos para a extravagância do cuidado de si, quero dizer, desconstruir-se e criar-se em desenhos, danças, jogos e etc, que são tão importantes quanto a apreensão de um conteúdo.

## 2.1 Cotidiano corporal

A condição humana é corporal.

*Le Breton*

Pesquisar a vida cotidiana nas escolas é um meio de ir a fundo nas relações corpóreas. O corpo é novidade àquilo que foi previsto e prescrito, incorpora o cotidiano e entra como uma questão reveladora para a pesquisa. Le Breton foi primordial para desenvolver a investigação das complexidades do corpo. Referindo-se à presença que o corpo expõe em suas convivências e desejos, Gumbrecht me faz pensar praticar o imaginário. Essas escolhas não negam as articulações discursivas e seus mecanismos de controle sob o corpo, por isso, Courtine é uma escolha de alerta aos caminhos de libertação que possam estar em fluxo contrário, ou seja, controlando o corpo.

Assim, pergunto as crianças da turma 1401:

- O que é um corpo? E entre muitas falas o Kauã responde:
- Eu sou um corpo.

As existências reais exigem de nós a horizontalidade para aprender. Começa assim uma longa e desconhecida rota.

Figura 3 – Materialização do corpo na escola.



O olhar sobre um corpo investe em sua superfície, percebido como um organismo semelhante ao outro que respira, mas singular nas invenções. Para a fisiologia somos este componente biológico repleto de células, tecidos e órgãos. No entanto, nessa mesma superfície usufruímos da habilidade de enumerar traços físicos que nos constituem no jogo de aproximação e distanciamento dos corpos sociais outorgados e dos corpos sociais marginalizados. Emerge nesse jogo, a dimensão simbólica que inunda o corpo, inaugurando o ato de caracterizar e, principalmente, interpretar. Como Courtine (2013) assinala, [...] “a fisiognomia são maneiras de dizer e de ver o corpo humano (p.48)”, em termos de exterioridade, aparência que envolve o corpo, sem, contudo, alcançar a totalidade da complexidade singular de cada sujeito.

O processo de conceber um corpo está envolvido por uma arqueologia discursiva, enunciada por dispositivos de poder (FOUCAULT, 1987). No vasto campo informacional de condutas há a dissolução do corpo, ou seja, os discursos modernos apresentam à sociedade a precariedade e o descrédito do corpo, o qual se considera necessitado de dominação. Portanto, nenhuma certeza aplicada ao corpo capta a rede de vivências que o corpo denominado ou etiquetado acumula.

A modernidade criou artifícios discursivos que garantiriam a hegemonia na produção de todo tipo de postulados, normas e leis, sob as quais o corpo foi separado do pensamento e desacreditado como meio de ler e criar o mundo. Gumbrecht (2010) nomeia essa visão de mundo de hermenêutica, um subcampo filosófico que possui técnicas e condições de interpretação do que crê existir. Nessa mesma rota estaria a hierarquização dicotômica dos corpos, o corpo lido e o corpo intangível. De um lado, um corpo iluminado pelo conhecimento moderno, do outro um corpo errático nas sensações e atribuidor de corporeidade às formas que se mesclam a ele.

Este corpo sensorial é o corpo cosmológico, integrado à criação do universo, afirmando o contra movimento discursivo em si próprio. Esse corpo selvagem caça meios de reter a vida que acontece na liquidez do cotidiano, Certeau (2012), ao discorrer sobre o que denomina “maneiras de fazer”, modos singulares de realizar ações aparentemente universais e rotineiras, alerta sobre o fato de que, cotidianamente os praticantes subvertem a interpretação propiciando o descontrole nas relações.

No processo discursivo, o corpo aparece no limite insuportável do desejo, uma doença incurável (LE BRETON, 2013), que o leva a sofrer ajustamento infinito. Seria o corpo rascunho (LE BRETON, idem) que precisa da impregnação de sentidos para continuar sua busca de redenção dos delírios latentes. Trata-se de ponto importante do cerceio discursivo, não se restringindo à linguística na medida em que sua ampliação atinge e se imbrica na prática corporal. “[...] O verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, ali a expressão através da linguagem se conjuga com a expressão do rosto [...] (COURTINE, 2013, p; 31)”.

Um corpo moderno regulado e antecipado de seus males que tende a se fragmentar, sua mutilação evidencia e eleva a invenção dos handicaps<sup>2</sup>. O ajuste sem fim pretende estabelecer um processo de descorporiedade, afastando-se da frequência-corpo para o signo-corpo. Em outras palavras, amputada a habilidade de ter um corpo primitivo, palpável e onipresente, que em sua frequência de estímulos habilita descontroles e anomalias sociais, os discursos modernos nos oferecem acessórios eficazes, úteis e satisfatórios para a exclusividade da cultura da percepção visual, pois a possibilidade de implantar a correção corporal segue modelos que englobam a produção de sentido, afastando mais uma vez a presença, em favor do discurso.

---

<sup>2</sup> Mutilação corporal pós segunda guerra mundial (COURTINE, 2012).

Perceber e aproveitar as potencialidades do movimento corpóreo na escola cria artefatos visuais e sonoros de choque ao presenciar as fusões do corpo lido e intangível. As crianças sempre criavam suas maneiras de acontecer no mundo, boné, penteados, brincos e outras extravagâncias necessária a diferenciação. A escola me mostrou que desde pequenos buscamos formas de fugir ao prescritivo de nós mesmos. Uma maneira de não ser Flopado e conquistar um acontecimento Hitado. Em outras palavras, Flopado é uma gíria que significa quando algo não faz sucesso, e de encontro, Hitado é uma gíria que significa o sucesso.

As crianças produziam suas intangíveis frequências com a escola, com ranço a qualquer ordem de ajustamento, com uma autonomia de embelezamento gestual, auditivo e visual. Não queria ler esse corpo, só o mostrar, com o entusiasmo da felicidade e dor da docência compartilhada. Para isso fui investindo nas lógicas artísticas do corpo produtor da arte.

Segundo Le Breton (2013), o “Bodyart<sup>3</sup> leva ao auge a lógica que transforma o corpo abertamente no material de um indivíduo que reivindica remanejá-lo à vontade e revelar modos inéditos de criação (p.28)” . Essa lógica pode ser manipulável pelos alicerces hegemônicos, criando desejos e enquadramentos aceitáveis e admirados, mas ao mesmo tempo possui a “arte de fazer”, extrapola os limites de uma única lógica na investida de um corpo em movimento.

Utilizamos aqui o termo “*Bodyart*” não como categoria das artes outorgadas, mas, como o aspecto estético e poético do corpo comum que se manifesta, cria, performa, se protege e resiste.

Essa produção de arte sobre o corpo, inaugurada em sua superfície, contém um fluxo contínuo de saberes. Por isso, uma articulação de marcação corporal demanda um exercício íntimo de tessitura com o mundo. O que os olhos captam é apenas o respingo do emaranhado que habita o corpo ou lhe faz habitar. Assim, sucessivamente, um Bodyart se inscreve nas rotas cotidianas dos corpos, entendendo que muito mais que marcar a si próprio eles são capazes de marcar seus *espaçotempos*.

Temos dispositivos atuais que articulam processos de descaracterização, os corpos estrariam, para os mais pessimistas, inertes e atravessados por processos de dessubjetivação, seguindo o automatismo (COURTINE, 2013), a noção do tudo igual, a rotina não apresenta diferença. No entanto, o percorrer dessas forças coercivas e usufruí-las de outras formas de invenção do corpo sobressignifica a presença no mundo. Certeau (2012), ao discorrer sobre as

---

<sup>3</sup> A **Bodyart** (do inglês, **arte** do corpo) é uma manifestação das artes visuais onde até o corpo do próprio artista pode ser utilizado como suporte ou meio de expressão.

práticas oportunas, levaria a pensar no corpo quando consegue em momentos oportunos combinar elementos heterogêneos em sua síntese de *saberfazer*, sua maneira de tirar proveito da ocasião e de ser sua própria energia de mutação e adaptação, o que não quer dizer, necessariamente, subserviência ou obediência incondicional.

Figura 4 – A conquista da escola.



Um Ciep, muitas escolas, composto por histórias de vida dos sujeitos pedagógicos (OLIVEIRA, 2012). As crianças artistas usam o próprio corpo como meio de expressão para intervir nas rotas cotidianas. Essa mutação de espaço-tempo-corpo que tento registrar na imagem acima, crianças praticantes em mais um recreio, usando o corpo em movimento para aliviar as tensões da sala de aula. Uma das coisas que sempre me chamou a atenção, a velocidade com que as crianças interagem no cotidiano, no recreio essa energia era triplicada.

Trabalhar o corpo o tempo todo proporciona o emblema do *Self*<sup>4</sup>. Le Breton (2013) afirma que “a interioridade do sujeito é um constante esforço da exterioridade, reduz-se à superfície. É preciso se colocar pra fora de si para se tornar si mesmo (p.29)”. Um processo dinâmico, ora está à mercê dos mecanismos de controle da anomalia corporal, e ao mesmo

<sup>4</sup> Mudança do corpo exterior conforme a demanda interior (LE BRETON, 2013).

tempo, ou subsequente, invoca uma força de manuseio e experimentos que atravessa a carne e se materializa no corpo. Encontramos neste momento a exibição engenhosa, as fricções que destroem e dispensam o sentido. O que o corpo encontra no gozo íntimo, a manutenção da ordem exibe como anormal. Mais uma vez os efeitos causados, seja por um corpo-presença, recriação ou um corpo-discursado e normalizado, são enfrentados pelas dinâmicas sociais.

No recreio as crianças exteriorizam suas emoções, criam seus próprios códigos e jogam com o corpo. Gostam de rabiscar suas ideias no próprio corpo, amarrar cadarços com novos ajustes, pintar unhas com canetinhas, inovar nos penteados e simplesmente correr. O corpo em parênteses, é gide do prazer imaginário (LE BRETON, 2013), que podemos designar, com base em Certeau (2012), de um corpo ordinário, submetido à frustração e ao caminho ludibriado, arranja para si a ilusão de esclarecer os enigmas e de ter a providência da própria vida. No vasto campo do desmonte corporal, repleto de acessórios futuristas, o corpo ordinário provoca impactos em seu presente. As utilizações dos novos suportes e dispositivos para o corpo são implementadas na sagacidade momentânea, um aproveitamento de sobrevivência que extravasa no exterior, com ações, manipulações corporais e produções estéticas.

Mais revelador que um corpo modificado pelos processos culturais é o que a criança faz com isso. As transformações não são apenas marcadas e recolhidas pela visualidade, a aplicabilidade desse novo corpo em seu cotidiano opera mudanças. Temos pistas emancipatórias ao conceber esse corpo como parte de recriações no seu *espaçotempo*. Para uma turma do quarto ano a rebeldia é uma mudança autônoma e adequada ao sufocamento de uma sala de aula. Uma bagunça coletiva, emancipatória e política, encaro assim, depois de muito analisar as risadas e aventuras que o choque propõe.

As artimanhas cotidianas são provocadas em suas redes educativas. Isto é, a trama de criação tem um envolvimento nas relações uns com os outros, as articulações dos *saberesfazer*s são uma troca que demanda contextos de vivência, de pessoas, de histórias e resistências. Quando os corpos assumem essa intensidade cotidiana, proliferam articulações sobre os detalhes, tratando-se de operações microbianas (CERTEAU, 2012). O corpo torna-se um minucioso passeante nas pequenas táticas em seu dia a dia, ao mesmo tempo que ostenta, discreta ou visivelmente as suas marcações corpóreas. As leituras do campo do cotidiano, e mais especificamente das pesquisas de Filho (2005), amplia minha visão do corpo nas suas redes, manuseio de si e transgressão:

A simples obediência implica em ações. Cada praticante do cotidiano precisa movimentar-se, mesmo que no cerceamento dos limites que a estratégia dominante lhe impõe. E essa movimentação acaba por ser resultado das singulares maneiras de agir de cada um. Portanto, no limite da clausura de uma organização escolar imaginariamente produzida, há condições de se fabular a própria coexistência com os limites contextuais. Mesmo quando o espaço de ação se reduz ao próprio corpo e aos seus fugazes encontros com outros corpos, sejam estes individuais ou coletivos (p.99).

Figura 5 – Brincando no pátio.



A criança criadora motiva a pensar que a condição do cotidiano é corporal. É um estado presente que não se estende ao futuro, uma materialização alterada do que a professora impõe. Esbarrei muitas vezes no confronto das ordens, o desespero de um corpo sagrando no choque da corrida era apavorante. Mas como o cotidiano é corporal e o corpo investe energias em rebeldias, eles trapaceavam. Uma aluna diz:

- Não podemos correr todos juntos. Tá, vamos correr alternadamente.

Um pique pega, alternado, com choque de corpo no chão. Não poderia mais intervir, pois entendi que o corpo já achou a sua solução.

Buscando responder à pergunta inicial, o que faz efetivamente um corpo? É possível concluir que o corpo é um amontoado discursivo (COURTINE, 2013) e ao mesmo tempo um amontoado de presença (GUMBRECHT, 2010), inserido nas redes educativas de seu cotidiano com manuseio de acessórios que são feitos para seu desmonte, mas que suas astúcias utilizam em suas reinvenções diárias. Um emaranhado que dia a dia está em uma

configuração diferente. Há dias em que o controle domina o corpo, o sufoca e há outros que o mesmo sufocar o faz se recriar. Não há como conceber um corpo livre das amarras sociais e muitos menos um corpo inerte às sensações da vida. A sala de aula durante a escrita do mestrado apresentou as oscilações do devir.

O corpo não é, portanto, uma matéria passiva, submetida ao controle da vontade, obstáculo à comunicação, mas, por seus mecanismos próprios, é de imediato uma inteligência de mundo. Esse conhecimento sensível inscreve o corpo na continuidade das intenções do indivíduo confrontando a seu ambiente; ele orienta em princípio seus movimentos ou suas ações sem impor a necessidade preliminar de uma longa reflexão. De fato, na vida cotidiana, os mil movimentos e ações enriquecem a duração do dia são feitos sem a mediação aprofundada do cogito – encadeiam-se naturalmente na evidência da relação com o mundo (LE BRETON, 2013, p. 190).

Esse transbordamento entre mundos proporciona vários corpos se fundindo em um só. Com efeito, a criança torna-se narrador de suas conquistas expressas nessas mutações e derivas de prazeres resistentes. A linguagem feita no extravio da palavra – revestida de ordem – faz a comunicação da criança com seu corpo. “Falar é fazer experiência de entrar e sair da caverna do corpo humano a cada respiração: abrem-se galerias, passagens não vistas, atalhos esquecidos, outros cruzamentos [...]” (NOVARINA, 2009, p.15).

São tantos corpos possíveis que isso prova que a substância humana retém em si a própria forma do movimento. Em outras palavras, arremessado no *espaçotempo* o corpo se apresenta e se faz percebido. Mesmo que haja um processo de auto reflexividade, envolvido pelos discursos outorgados, propondo um autocontrole e exatidão, há sempre corpos que se apresentam à nossa frente e não são apreensíveis pelas outras formas de utilizar os acessórios dos quais não temos como prever as utilidades. De toda forma, tudo se dá pela costura que o corpo faz ao se submeter na metafísica e roturas de presença.

Supomos que valeria um corpo mundo, invocado pelo respiro sensorial, envolvido pelos laços estruturantes e ilimitado nos mergulhos cotidianos de si. Quando pensamos no mundo nos deparamos com o imensurável, infinito e alterável. O ser humano parte do mundo retém as mesmas expressões quando se trata de entendê-lo. Não podemos enquadrá-lo em um único processo, não podemos tocá-lo – muito menos adentrar sua carne, só podemos contemplar sua metamorfose. Um andarilho em seu próprio corpo, percorrendo as derivas do mundo que o convida ou\é intriga.

A comunicação com o mundo, onde a palavra não adentra, por conter sua definição, carrega o suspiro da carne sobre os efeitos trocados. Então, toda vez que nos proponhamos a nos envolver com os corpos é preciso não ter o cuidado de se perder sobre eles, talvez seja

nessa perda, que advém da ruptura sobre a palavra prescritiva, que deslocaremos nossos corpos junto dos deles.

Viveiros de Castro (2018) assinala o poder do corpo contra descrever sua própria imagem criada pela visão ocidental e devolver-nos uma imagem de nós mesmos em que não nos reconhecemos. Isto é, mesmo com todos os esforços para construir uma visão exclusiva do corpo, imposta pela modernidade, com características hermenêuticas sobre suas “maneiras de fazer”, ainda lhe escapa algo a mais. O sentido não dá conta de abrigar todas as derivas, visto que o corpo joga sem cessar.

Assim, o perspectivismo que Viveiros de Castro (idem) nos apresenta em sua pesquisa trata-se da condição humana em possuir outra coisa no fundo, outras regras, outras ações, outras reflexões e outros caminhos.

As experimentações dessa coisa que está no fundo de cada criança nascem no imaginário e nas redes educativas. Mais importante que seu nascimento interior é sua materialização em seu próprio corpo. Nesta ideia, somos submetidos ao novo raciocínio acerca do mundo, das imagens, das palavras, dos objetos, do que nos é dado a conhecer, que o corpo se atira com experiências que convergem para a des-regulação, a des-identificação, a des-subjetivação (SANTO, 2014).

Ao desvelar o corpo em seus atravessamentos, emaranhados, confusões, emoções e derivas tratamos de estudar esse corpo em um *espaçotempo* chamado escola, uma vasta concentração de alteridades corporais que se unifica nos uniformes e se descaracteriza em suas metamorfoses passantes. No início queríamos entender o que faz efetivamente um corpo, posteriormente vimos seus emaranhados fascinantes que mostram a complexidade que motivaria a humanidade a se inventar e fazer sua história a cada instante, agora desejamos observar as artes desses corpos nos\dos\com cotidianos escolares. Pois, sinto a as escolas são dessas crianças e eu estou apenas assistindo uma belíssima obra de arte. A imagem abaixo retrata mais ou menos esse sentimento de arte da criança. Pesquisada enquanto estudávamos obras de artes, Samara mostra em seu celular como as obras apresentadas estão bem mais legais. De minha parte, concordo e baixo a imagem para o projetor. Assim, começamos uma tentativa de tornar as formalidades em uma dinâmica estética social. Enfim, lá vamos nós na pesquisa.

Figura 6 – A arte misturada com a vida por uma aluna.



### 3 A ESCOLA É TODA DE VOCÊS, CRIANÇADA

A busca, obcecada, do que é “interessante” pode aliás ser considerada como a forma mais sutilmente perversa do ódio ao mundo.

*Maffesoli*

Recém concursada, embarco na sala de aula em outubro de 2018 e entre tantas ansiedades e expectativas estava em prontidão para aos sonhos, paixões e emoções, desse primeiro contato. Na reta final de um ciclo as crianças conhecem uma nova professora, um corpo desconhecido. Minha única noção era de experimentar o último bimestre de aula. Uma aventura que marca o término de um ano e um início de trabalho e dissertação. E mais, a invasão instaurada antes mesmo da minha presença, demonstrava como as crianças realizam a escola com ou sem professora. Eu aprendi naquele momento que os corpos não precisam de uma utópica pesquisadora para serem extremamente realizados, senti o que era o poder de sermos carnes. O que me cabe agora é reaprender com as crianças seus gestos e alteridades. Aprendi nesses finzinhos do começo que não precisamos crescer para acontecer. Como nos diz Carlos Drummond de Andrade:

Verbo ser  
 Que vai ser quando crescer?  
 Vivem perguntando em redor. Que é ser?  
 É ter um corpo, um jeito, um nome?  
 Tenho os três. E sou?  
 Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?  
 Ou a gente só principia a ser quando cresce?  
 É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?  
 Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?  
 Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.  
 Que vou ser quando crescer?  
 Sou obrigado a? Posso escolher?  
 Não dá para entender. Não vou ser.  
 Vou crescer assim mesmo.  
 Sem ser Esquecer

Assim me deparo com o festejo do corpo em encerrar mais um ritual: a conclusão do ano letivo. O uniforme, signo do estudante, ganha marcas, signos e rabiscos, não há uma orientação detectável, apenas a prática estética. As crianças negociam formas de subverter o uniforme: sujando, jogando água, amarrando suas dobras e outras invenções. Quando indagadas a respeito da imposição do uniforme, as crianças apontam a necessidade de o vestir para poder entrar na escola, mas ao mesmo tempo, muitos dizem que já entraram sem ele.

Com short colorido, meias rabiscadas, bonés, chinelos, saias e outra roupa que não seja o uniforme, em algum momento todas já abandoaram o uniforme e nem por isso não entraram na escola.

Figura 7 – Rabiscção do uniforme.



Falas curiosamente distantes do regimento escolar, como se guardassem um segredo até mesmo da consciência da ação. Ao pensar sobre a formulação do uniforme que cobre o corpo estudantil compreendo a necessidade de não reconhecer o sentido que é vesti-lo e sim as artes de possuí-lo nas suas intimidades e desejos. Haveria um corpo por trás ou sob cada uniforme, e apenas no último dia de aula se poderia contemplar a culminância dos desejos acumulados e

extravasados nas últimas semanas de aula. Uma experiência estética relevante envolvida pela alegria de fazer algo autoral, por mais comum que seja, com muito saber. Nesse pequeno ato de celebração, começa o meu deslumbramento por querer ter mais e mais dessas ações sensoriais, emocionais e humanas.

Observando a obra emblemática de intervenção livre no uniforme acabei envolvida na performance coletiva e convidada a também rabiscar as roupas. Em preciosos momentos como esse a escola revela sua vocação de ensinar e formar coletivamente. Eu, tão constituída de sentidos, não sabia o que registrar e me dava conta desse desconhecimento, aprendia ali mais um pouco sobre minhas condições e potências. Com certa felicidade entendi a magnitude cotidiana dos corpos em criação e formação na escola.

Nos últimos dias de aula foi dada a prática para usufruir desse pano tão simbólico. Excessos assim, luxuosos, expressam o acúmulo de sentimentos de aderência coletiva. Os nomes dos colegas inscritos nos uniformes mostram as aproximações e amálgamas afetivos. Ao invés de intervir na ação que se dava sobre o uniforme, olhei como uma ruptura, ou seja, corpos promovendo golpes contra a ordem.

Portanto, não é o caso de intervir a atitude negativa da ação política ou da teoria moderna, mas, sim, de operar uma volta na direção daquilo que existe de originário e de original na vida sem qualidade. Reencontrar a inocência no olhar. Essa acuidade no pensamento e na ação que provém do sentimento de fazer parte, de ser parte “disso” que se busca compreender ou sobre o pretende agir. *Stricto sensu*, trata-se de um intuicionismo que permite aprender a lógica secreta de uma época (MAFFESOLI, 2009, p.73-74).

Pude participar da lógica secreta das crianças com entusiasmo, mas como bem disse, o corpo também encontra seus males. O mesmo lugar de festa dá espaço a aflição das crianças em recuperação. O quantitativo aparece na escola formal e as ameaçadoras avaliações finais confrontam o corpo. Começo a pensar na discussão do pensamento dominante que negligencia a complexidade cotidiana e na questão das subjetividades que devem ser pensadas e trabalhadas (OLIVEIRA, 2012).

Além disso, as crianças sequer copiavam o que deveria ser copiado e inevitavelmente a artimanha instintiva emergia, alguns desenhavam escondidos enquanto havia trabalho, outros pediam para beber água ou ir ao banheiro de cinco em cinco minutos. O corpo contornava a rotina imposta. Capitulando diante da frequência e força dos indícios de saturação, resolvi mudar o trabalho pedagógico durante a árdua semana final, consultando o desejo da turma. Um aluno diante da possibilidade de alguma atividade plástica desafiou:

- Duvido ter tinta, aqui só tem trabalho mesmo.

Contrariando sua afirmação e atendendo às suas expectativas, providenciei as tintas e os papéis e os deixei trabalhar livremente. Aparentemente supérfluo ou inconsequente, um momento de relaxamento das atividades dirigidas contra as quais o corpo inevitavelmente se chocava, aqui ou ali, em menor ou maior resistência. A atividade ali iniciada contrariava as condições habituais das aulas. Assim muitos desenhos e certamente, sentimentos embaralhados surgiram sob a energia depositada na tinta.

Na pintura abaixo há uma densidade de cores emaranhadas, como nós corpos, no mundo. A criança empolga-se na densidade das cores e suja-se como se não houvesse espaço suficiente no papel. Cores fortes e, aparentemente, sem sentido, sem símbolos e pistas a serem decifrados. Contudo, vendo a criança tornar-se também parte da obra compreendo que a profundidade da ação não poderia ser reduzida a qualquer lógica de representação visual. A visualidade que importava unia o papel ao corpo do artista.

A respeito da pintura, apenas posso observar que resulta do movimento de anseio das provas finais. O mar tempestuoso e ao mesmo tempo de solene calma cromática, reflete a densidade da vida que se dá na cotidianidade escolar. Tudo que venho discutindo se apresenta na produção da criança, inclusive, podemos ir além e admirar o que não podemos tocar. Seria a busca de um olhar diferenciado, que saiba admirar o estranho deslocamento do corpo. Claro, muitos desenhos apresentaram símbolos que permitem a ilusão de uma interpretação qualquer a respeito do que foi feito. Igualmente valiosos, são meios de conversar com o mundo que os cerca e cerceia.

Figura 8 – mar



As práticas sociais dos corpos, urdidas por histórias, gostos, belezas, são práticas de conhecimento. Outros conhecimentos emergem quando cada criança faz transbordar as suas práticas. Táticas quase invisíveis, inovadoras ou não, sempre transitórias, funcionam ao sabor da conjuntura. Seus autores as criam como realizam os seus modos de ser (CERTEAU, 2012).

O corpo rege o aparato da ordem sensorial que aciona ou é acionado pelas estruturas perceptivas. Pensá-lo em um amontoado de sensações institui o pensamento em um novo nível (SANTO, 2014). Toda e qualquer coisa, contaminada pelos sentimentos, proporciona paixão. E mais, Kairós, o tempo oportuno que é intensificado nas práticas emocionais, evocando a temporalidade da vida.

Ainda, com uma última imagem, a cabeça cercada por tantas linhas e cores, vem como um alívio, da certeza que estamos trabalhando um corpo complexo e misterioso. Poderia ter feito uma entrevista, com longas perguntas, com o intuito de obter respostas às minhas inquietações. Contudo, a atividade, com suas respostas incomunicáveis me acrescenta à pesquisa a poética e fortalece um corpo sensível e desprendido das regras. Sou levada a pensar que para construirmos uma escola efetivamente horizontal, seria necessário um debate que considerasse a inteligência e demais potências corporais intraduzíveis pelos instrumentos da razão, a saber teoria, cálculos, estatísticas e demais generalizações.

Figura 9 – cabeça amarela



Sob tais pensamentos, acolho as crianças, efetivos colaboradores e coautores desta pesquisa, toda licença poética para inventar as jogadas do mundo que na escola, naqueles momentos de encontro das aulas, nos contém. Tento, portanto, partilhar a licença corpórea para experimentar e propor acontecimentos. A cabeça amarela, sorrindo para o mundo, no

papel, cheio de outras cores, doa generosamente, mais que sentidos, sentimento para com a escola.

Os indícios iniciais marcam as insurgências das crianças no cotidiano escolar e como devo me atentar a necessidade de ir além dos conteúdos, para assim, cruzar a linha democrática mesmo que desordeiramente. Com produções estéticas curriculares realizamos a escola da criança. No diálogo aberto ao desconhecido Freire (2013) nos ensina:

[...] Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. [...] O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história (p.133).

### 3.1 Invasão da sala

Buscar o excepcional é desprezar o comum

*Maffesoli*

Depois desse primeiro momento, no começo do fim, que foi dada a minha experiência docente, iniciamos um novo ano. A minha decisão de registrar a sala sem os alunos representa a espera da turma, para que possamos construir juntos a sala de aula. A priori, uma recepção despida de qualquer normatização do ambiente, sem imposições de gostos e descaraterização da turma. Muitos colegas da profissão, sem a menção a crítica, já deixam suas salas prontas, murais bem alinhados e organização impecável. Porém, me peguei na ambiguidade do meu papel pesquisadora-docente e resolvi marcar o menos possível o meu querer e abrir à transformação cotidiana. Além disso, sou péssima para cortar e desenhar, algo estranho para uma Pedagoga-normalista.

Na primeira semana de planejamento e pesquisa, presenciei a sala sem as pegadas e toques dos corpos. Por isso, o registro fotográfico será a principal forma de iniciar a cartografia dos movimentos em sala de aula. O registro inicial procura evidenciar as transformações no decorrer do ano. Uma decisão que tem como vertente o nosso desenvolvimento contínuo. Até para desfrutar das surpresas e desencantos.

Mesmo vindo sempre destacando a importância do olhar empático sobre nossas produções, a imagem de um ambiente que vai se modificando com a ação do ser humano, visa questões de amadurecimento, mesmo que duros.

A simplicidade desprezada por muitos é uma oportunidade de variações de produções estéticas. Nada de excepcional pode aparecer, mas isso não significa que o comum esteja diluído das conquistas humanas. Pelo contrário, nessas pequenas interferências vamos acrescentando a permanência do movimento tático. Indo além, do jogo de aproximação e afastamento entre as crianças nos espaços públicos, coletivos e os espaços privados, como explica Mafessoli (2018)

Essa é a força do imaginário, ou simplesmente, da imaginação. As múltiplas “possessões” musicais, religiosas e políticas testemunham isso: é a força do desejo coletivo que conforta a criação dessas comunidades ou tribos onde o racional dá lugar ao emocional. É com esse critério que podemos medir a crescente importância da fantasia, da fantasmagoria e do fantasma contracultura em curso (p.12).

Figura 10 – sala despida



O enriquecimento dessa sala dependia inteiramente das possessões do desejo coletivo, a partir de um diálogo feito nas produções imaginadas do repertório conteudista. A invasão do corpo na teoria inspira ser ação suficiente para oferecer possibilidades de avanços na Educação. A prática de tornar presença coisas que estão ausentes e ausentes coisas que estão presentes (GUMBRECHT, 2010), na medida em que o cotidiano se constitui de presenças, abstraídas ou não, expressa elementos sensíveis das realidades das crianças.

O protagonista da pesquisa, o estudante incarnado, é criador de práticas que favorecem as suas tentativas de apropriação do mundo, transformando a escola por meio da rebeldia ao prescritivo. “[...] Numa cultura de presença, a vontade de desviar ou de alterar esses ritmos (e até mesmo o acaso de causar tal mudança de maneira não intencional) é vista como sinal da inconstância humana [...] (GUMBRECHT, 2010, p.109)”. Busco, portanto, nas atividades da pesquisa sentir as escolas fugazes produzidas pelos alunos, os quais por sua vez, são também corpos inconstantes.

Como penso ter destacado, o aspecto estético é elemento fundamental no trabalho com o corpo na escola. A materialização estética na complexidade cotidiana apresenta traços subversivos ao pensamento e elabora uma densidade corpórea. Para desenvolver, ou melhor, proporcionar a ação corpórea em sua vitalidade, tento favorecer a emergência da intensidade existencial dos alunos em sala de aula. Estimula-los a regozijar desses momentos, sem menção à rebeldia. A urgência intensa surge de um apelo específico, muitas vezes aparentemente sem sentido para a leitura moralista. A aparente falta de sentido não significa que o que se observa seja insignificante.

As coisas e as situações cotidianas talvez não tenham sentido relevante. Mesmo assim, não deixam de ter, no instante vivido, uma significação real (MAFFESOLI, 2009, p.79). O que destaque é a vivência corpórea dos alunos, acima de explicações que a torne uma questão supérflua que necessite do sentido para ser legitimada. A distância entre a experiência estética e o mundo hermenêutico, como figura central dessa estrutura situacional, é uma possível referência para explicar a insularidade corpórea nos momentos de esvaziamento da escola tradicionalmente explicada (GUMBRECHT, 2010).

A erosão produzida revela novos sons, visualidades, objetos, experiências e um cotidiano que passaria despercebido, se apresenta em plena existência. Os múltiplos modos de presenças, antes invisíveis, por não serem reconhecidos como relevantes ou significativos, geram mais que a própria alegria de seus mundos. São modos de viver, e indiscutivelmente de saber. Esses conteúdos escolares, pois pertencem ao continente escola, indiciam algo mais profundo e estruturante para o universo discutido, são capazes de ser a importância da escola.

Figura 11 – sala sem as crianças.



O corpo sempre atento às questões do mundo reitera sua esperteza sensorial. Em suas práticas incomensuráveis, supera as regras sociais. A vida escolar é fruto dessas riquezas astuciosas do corpo. Nas perdas de sentidos e acontecimentos erráticos presenciamos corpos potentes. A partilha do comum muitas vezes se faz na caça selvagem. Indiferentes aos julgamentos do balançar dos braços, do pé inquieto e da falta de atenção, as crianças inventam a escola cotidianamente. Seus corpos se afirmam em meio aos movimentos expansivos e ostensivos, tímidos ou discretos, na invenção de meios de sobrevivência e autocriação.

Na sociedade pós-moderna o racionalismo dá lugar os *saberes-fazer*es criativos enriquecendo-se cotidianamente com elementos desprezados pela razão moderna. Tal racionalismo tornando-se o que Maffesoli (2014) denomina razão sensível. A despeito do julgamento normativo, os entusiasmos secretados pelo corpo na escola fortalecem o elo estreito que une razão e sensibilidade para o qual não há aplicação possível de modelos, nem protocolos possíveis de ser completamente atendidos.

As ações dos corpos nos cotidianos inventam trajetórias singulares e significativas alternam assim, mesmo que provisoriamente, o cenário instituído e contaminando, mesmo que pouco a pouco, o contexto normativo o suavizando com as incontáveis lógicas do improviso. As tribos sociais que chegam a escola compartilham essa sensibilidade na solidariedade de uns com os outros para a construção de novas escolas. Podemos expandir essas trocas nas ideias de Oliveira (2013)

Fundada no contratualismo rousseauiano, a noção de cidadania horizontal é entendida como a relação solidária entre os indivíduos, no pacto entre eles presente no compromisso de uns com os outros em nome do bem-estar de todos, comprometendo-os uns com os outros independentemente ou para além do Estado e das obrigações e direitos que os cidadãos tenham em relação a ele. É uma solidariedade movida (p.192).

Em outras palavras, estamos envolvidos em uma cidadania horizontal, no cenário cognitivo das emoções instintivas, *ensinatórias* e emancipatórias. Na emergência de viveres-quereres a invasão das crianças também me invadem. Agora, não só a sala ganha os delírios coletivos, como eu me vejo rabiscada pelos depoimentos corpóreos. A sala vazia para nós solicita a nosso posicionamento entre as estruturas rígidas, porque, como ensinou Freire, acredito:

Que a nossa presença no mundo, implicando escolha e decisão, não seja uma presença neutra. A capacidade de observar, de comparar, de avaliar para, decidindo, escolher, com o que, intervindo na vida da cidade, exercemos nossa cidadania, se erige então como uma competência fundamental. Se a minha não é uma presença neutra na história, devo assumir tão criticamente quanto possível sua politicidade. Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para

transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenho para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes (FREIRE, 2000, p.33)

Portanto, criar o espaço escolar coletivamente é uma prática coerente com tudo que venho até aqui escrevendo.

### 3.1.1 Invasão visual e sonora

Uma proposta educativa a partir da cultura visual pode ajudar a contextualizar os efeitos do olhar e mediante práticas críticas (anticolonizadoras), explorar as experiências (efeitos, relações) de como o que vemos nos conforma, nos faz ser o que os outros querem que sejamos e poder elaborar respostas não reprodutivas frente ao efeito desses olhares.

*Hernandez*

As imagens criadas pelas crianças são modos de se colocarem na interlocução com a pesquisa. Elas dispensam análises, traduções ou legendas. Como aposto na abertura de outros modos de *fazerpensar* a pesquisa para a interrupção da insuficiência hegemônica, olho para imagens como bussola das atividades. As imagens servem à criação de novos personagens conceituais e artefatos visuais compartilhados no dia a dia. A invasão da cultura visual é novidade para àquilo que foi previsto e prescrito, se é certo que vamos encontrar palavras nos quadros e nas tarefas da escola, também iremos desfrutar de um inovador e misterioso jogo visual e auditivo.

Na educação e na ciência, na informação e no entretenimento, as imagens são elementos fantásticos. A indústria do audiovisual para as modernas formas de diversão regem uma economia cultural cada vez mais globalizada (CAMPOS, 2013). As crianças interiorizam a globalização em seus desejos, projetam suas imagens e sons, muitas vezes, na tentativa de explorar o que registraram no proveito possível. Há uma minuciosa astúcia de correlacionar os desejos globais com a alteridade, instala-se um ponto de criação para novos audiovisuais.

Apesar de muitos entenderem a cultura visual principalmente a partir da perspectiva do espectador, do consumo e do usufruto de bens visuais (o “olhar”), a verdade é que a dimensão do “ser olhado” é crucial para pensar a cultura visual contemporânea (CAMPOS, idem, p.05).

Os corpos querem apresentar suas interações com as redes dinâmicas da vida, a escola parte disso, torna-se um encontro de apostas visuais.

Com as imagens podemos ver os sujeitos da escola em sua potência histórica e beleza. Nesses registros somos movidos pela curiosidade e emoções, não podemos dizer que a imagem seja um retrato da realidade, mas sim um sistema simbólico, advindos de memórias, gostos, vivências e atitudes. A condição de ser olhado para as crianças é tão extravagante que uma das coisas que mais recebia delas era o autorretrato.

Figura 12 – Esse sou eu.



Mas embora, o significado da imagem esteja imbricado na rede de significação do seu produtor, ela ainda mantém a possibilidade de estabelecer relações com o significado de quem lê ou vê. E, ainda na ideia da ruptura cotidiana, a imagem expressa de uma insurgência cotidiana, enriquece a visão para as alternativas, ainda que desconhecidas. A interconicidade é a complexidade das relações cotidianas e da interiorização do sujeito (COURTINE, 2013). Ainda com o autor pensando nessas relações globalizantes:

[...]Toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem um eco. Existe um sempre já da imagem. Esta memória das imagens

pode ser uma memória das imagens externas, percebidas, mas pode ser igualmente a memória das imagens internas, sugeridas, “despertadas” pela percepção exterior de uma imagem (COURTINE, idem, p.43).

Na grandeza envolta da cultura visual e sonora identifico sua utilização ao caminho tomado: o movimento em prática com os corpos na escola. Todo movimento é um conhecimento significativo (LOUZADA at, 2017) de importância a quem movimenta, assim, acredito que os significados sejam relativos e muitos desconsiderados pela ciência moderna. Por isso, tenho as imagens sonoras como intercessores dos significados inalcançáveis. “Passamos a ver, então, esses artefatos, como o outro, com quem “conversamos” permanentemente, que nos vai colocando perguntas, que nos obriga a “*fazerpensar*” para permitir caminhar o pensamento (LOUZADA at, idem, p.1025)”.

Na fugacidade das aulas as imagens e sons provocam a experimentação e a criação livre de limites, enquanto, na escrita esbarramos na hermenêutica, à medida que tentamos acessar o inexplorável. O interesse do corpo em ser olhado e inventar um novo mundo escolar acontece por aquilo que não foi escrito, literalmente. Assim, a falta da palavra aponta uma lacuna de revolução do próprio ser humano e em contrapartida a vida das imagens. Isto é, “as imagens não são reflexos, sombras ou artifícios, são seres viventes, quer dizer, organismos dotados de desejos (RANCIERE, 2015)”.

Para não repetir o mesmo, a prática visual, cultural, auditiva, coloca em processo a qualidade artísticas das crianças. Mesmo correspondendo a escrita acadêmica, optei por expor toda a visualidade auditiva dos nossos dias. É possível sentir a escola que não pode ser esquecida.

As imagens contornam a simples condição de receptores ou leitores à visualizadores críticos (HERNANDEZ, 2011) de suas próprias criações, principalmente, quando botamos em experiências os enredamentos oficiais à implantação do que temos: saberes, prazeres, práticas. Ainda nas palavras de Hernandez (2011), com as imagens não busco uma explicação do que seja a cultura visual para os alunos, e sim, como podemos favorecer, nas circunstâncias, a mudança do posicionamento, de maneira que venham a visualizar suas produções estéticas à soma das tantas coisas que fazem parte da vida cotidiana.

Atuando entre o campo da Educação e da Arte, mas sem a formação específica em Arte, reitero que não estou analisando técnicas nas obras que os alunos fizeram, mas a deslocalização do olhar que podemos proporcionar os artefatos visuais. Na produção silenciosa da imagem seguimos rumo ao prazer supérfluo do corpo artista no dia a dia.

O que vamos incorporando nas atividades é o alfabetismo visual cotidiano. Conforme Hernandez (2011) escreve, ver-se e ver ao outro é importante para o processo de criação e mudança da criança espectadora à uma criança questionadora. O trabalho com imagens e sons torna-se uma leitura imaginária da história, cultura e política. As atividades visuais entregam o envolvimento das crianças no cuidado de si, aplicando glamour no corpo, como no que produzem sobre as realidades, misturando visões cotidianas a retalhos de papéis e tintas, os corpos imaginam suas artes.

Figura 13 – Artistas.



Ver-se criando à criação era uma das etapas mais satisfatórias para nós. Era um processo de vários materiais expostos na mesa e grupos sendo formados. Sempre questionavam uns aos outros e encaravam as atividades como uma conversa visual com criticidade e gosto. Rancière (2015) em suas indagações, ao mesmo tempo que nos diz que as imagens são viventes, nos desafia a deixar de dar vidas as imagens. Nada mais belo que ser tudo e ao mesmo tempo nada. Afirmando as transformações do corpo na sociedade. Do mesmo modo que não podemos capitalizar as táticas, as visualidades seguem o mesmo fluxo, sendo tão mutáveis quanto o corpo.

### 3.1.2 Invasão da prática estética

[...] O querer viver coletivo não se reconhece mais nas formas modernas próprias ao “contrato social, isso não significa que não haja mais nada.

*Maffesoli*

É interessante como a criança é um corpo fluído nos causando a dificuldade de interagir com suas mudanças. Toda sua flexibilidade, dinamismo e camuflagem rompem o ciclo cartesiano do pensamento moderno. São apenas simples movimentos que reconfiguram o cotidiano, quando o corpo sai rumo às suas percepções nada podemos prever, são sensações que tocam os detalhes se fazendo no íntimo ritmo corporal. Na mistura de si com o mundo o corpo é envolto por tudo.

O ato de movimentar-se é um ato cognitivo e criativo capaz de transformar simbólica e fisicamente a sala de aula. Quando penso no termo invasão reitero o choque do corpo rebelde que exerce a resistência mediante o cosmopolitismo (SANTOS, 2000). Percebemos que as investidas dos corpos perante a luta cotidiana envolvem um exercício de formação e sensibilidade, conseqüentemente, compreendo a prática estética uma outra invasão preciosa e resistente.

Gumbrecht (2010) nos fala como as ondas metafísicas afogam os corpos intuitivos, ou seja, a visão moderna de mundo está associada àquilo que o autor considera “perda do mundo”, estaríamos perdendo o contato com as coisas do mundo. Diante disso, o ser humano alcança significados ainda não decodificados em seus acontecimentos, sendo uma ilha incomunicável para a hermenêutica. São essas artimanhas corporais que fundam o distanciamento do que está posto para nós. Sabendo se ilhar em suas abstrações dos espaços, mesmo sendo atingido por regras que aprisionam sua carne do atrevimento, a criança consegue materializar um corpo sobre o cotidiano que é incomunicável para as interpretações vigentes. Desta forma, a prática estética nos ajuda a percorrer as escolas em suas sensações, sem a pretensão de prescrever o que surge.

Nos parece complicado intervir, resistir, diferir sobre todos os micros poderes cotidianos (FOUCAULT, 1987). Temos uma zona macro, conhecida por seus discursos de controle, estendendo os limites da lógica sobre as zonas micro das relações. Isto é, temos uma estrutura fatigante, vertical. Mas quando mergulhamos nos cotidianos e avistamos o corpo passante, vemos suas intromissões na busca de novas práticas que vivem dentro da ação sedentária estipulada. Como Careri (2013) disserta sobre buscar uma cidade nômade que

habita na cidade sedentária, ou ainda, buscar uma nova Babilônia que vive no desaparecimento da cidade contemporânea. Para as crianças, os corpos coautores da pesquisa, sempre buscamos a escola movimentada que habita dentro da escola parada.

O percurso corpóreo infantil que se insinua, dispendo de práticas sem a predominância de um diálogo com a cidade contemporânea, causando a arte da surpresa, das novas sensações, no ensaio de rasgar o sempre vivido. A latência da carne faz um caminhante, com o toque da transumância (CARERI, 2013), ou seja, o movimento de adentrar e sair do sedentarismo e normas é uma busca de melhores condições de vida. A intervenção de seus balanços modifica a ideia rotineira do cotidiano e no envolvimento do dado com o inesperado o *espaçotempo* se torna o campo ou dimensão do praticado.

“O meio lugar não seria exatamente um lugar preciso, nem um não lugar, mas a sua prática, a sua apropriação ou seu uso” (CARERI, 2013, p. 10). Uma prática que se estende na composição estética do corpo, na simples questão de estar à frente, se colocar no mundo. Não há apenas uma necessidade de sobrevivência no cotidiano, há uma necessidade de gozo pessoal e coletivo. Uso da emoção como definição do domínio da prática estética e prosseguindo nessa experiência emocional, Maturana (2001) nos diz que as emoções são disposições corporais dinâmicas que condicionam a rota da prática nos quais os animais, em geral, e nós seres humano, operamos num momento. É a emoção que define o domínio de uma ação, mesmo que seja abstrata ou concreta, caminhamos conforme nossas sensibilidades cognitivas.

Nesse sentido, deslocando a auto referência da cultura de sentido para uma auto referência do corpo (GUMBRECHT, 2010), o cotidiano apresenta essa interação emocional do corpo em meio a rigidez. Por isso “[...]as raízes etimológicas de rotina apontam para outro campo semântico, associado à ideia de rota (caminho), do latim *via*, *rupta*, de onde derivam as expressões *rotura* ou *ruptura*, *acto* ou *efeito de romper*” (PAIS, 1993, p.109).

Fazendo referência à Careri (2013), o espaço vazio que o nomadismo busca pode ser praticado dentro de um lugar fixo, isto é, deslocando e usando de outros modos seus objetos.

O praticável é o *espaçotempo* do corpo ao *estarsentir* o mundo, mas poderíamos pensar que antes da prática há um momento de simples caminhada, como Careri (2013) nos mostra no espaço nômade, possuindo apenas o vazio desabitado e muitas vezes impraticável. Há apenas o passo, que poderíamos pensar sendo uma prática, porém ela isola o homem do seu desejo, ainda não encontrado. É difícil orientar-se, a única coisa deixada é o rastro dos pés (CARERI, 2013). A calma ou o desespero do nada que faço no passo move uma invenção do eu para atravessar as linhas abissais, como Santos (2007) nos fala, da intromissão e invasão do outro nas zonas burguesas.

A cidade nômade é o próprio percurso, o sinal mais estável dentro do vazio, e a forma dessa cidade é a linha sinuosa desenhada pelo subseguir-se dos pontos em movimento. Os pontos de partida e de chegada têm um interesse relativo, enquanto o espaço intermediário é o espaço do ir, a essência mesma do nomadismo, o lugar em que cotidianamente se celebra o rito da eterna errância. Assim como o percurso sedentário estrutura e da vida à cidade, o nomadismo considera o percurso como o lugar simbólico em que se desenrola a vida da comunidade (CARERI, 2013, p. 42).

A prática estética no atravessamento das escolas dentro da escola é o encontro das diferenças e do outro legítimo. A pluralidade das atividades, com a execução de materiais variados, discute valores de sociais: felicidades, insurgências e reconhecimento da aprendizagem do grupo envolvimento. Percebi a importância de executar a prática curricular estética quando desde o início as crianças já a executavam dia a dia, nos seus movimentos, interações e alternativas de mundos, enfim, no verbo movimentar-se a prática começa.

O caminhar tem como bússola o corpo que constrói um mapa sobre as suas experimentações. “É um mapa que parece refletir um espaço líquido em que os fragmentos cheios do espaço do estar flutuam no vazio do ir, em que percursos sempre diversos permanecem até ser apagados pelo vento (CARERI, p.42, 2013)”.

O esvaziamento que o corpo se proporciona ao interagir com os sentidos metafísicos dos espaços tem como recurso a mobilidade instável tanto da fixação do *espaçotempo* tanto da sua construção corpórea. Enquanto se esvazia para atravessar novos caminhos, promove também, o esvaziamento da instituição na qual pisa, tendo efeitos de fricções. Daí partimos para questões de modificações que os passos trazem dentro de alicerces fechados em si. A escola é o nosso ponto de encontro sobre esses passantes.

A travessia do corpo em metamorfose que se esvazia cotidianamente se faz na deriva, uma revolução do ser humano ao seguir na vida. “A derive é a construção e a experimentação de novos comportamentos na vida real, a realização de um modo alternativo de habitar a cidade, um estilo de vida que se situa fora e contra as regras da sociedade burguesa” (CARERI, 2013, p.85)”. A insularidade da criança, não pertencente a escola moderna, se dá nessas derivas que pretendem transformar seu micro *espaçotempo*, guiado por percepções em ser parte do mundo. Logo, o ilhar da criança não significa uma desorientação de si, talvez seja um reencontro com o seu eu, exemplificando: correr em sala enquanto temos uma matéria no quadro ressignifica os modos de pensar a aula e liberta o corpo da regra.

As rotas construídas na desconstrução do dado são feitas pelos “praticantes ordinários”. Certeau (2012) nos aponta como as práticas dos seres vivos possuem vida própria, um ritmo corpóreo expresso, neste caso, nos passos. Há um espanto do quão o corpo se contorce em múltiplas elaborações com os mundos. Tão belo é o percurso da criança, uma naturalidade que faz parte dos seus passos, a sacada de ser um corpo em vários vazios. Uma

soltura, todo dia, em todo momento, em cada minuto, soltar-se do que lhes prende, a prática estética do viver.

O pé que não deixa pegadas é um vivido em deriva, “[...]uma ação fugaz, um instante imediato a ser vivido no momento presente, sem a preocupação com a sua representação e com a sua conservação no tempo” (CARERI, 2013, p. 86). Essa perda constante do que lhe foi um dia, do mesmo modo, são as práticas. Segundo Certeau (2012), uma arte de fazer, e também ser, que não se aprisiona, esvazia-se.

O caminhar diário que movimenta os conteúdos e desorganiza a sala de aula – alívio para nós que buscamos rotas. Sendo também a pesquisadora, produtora da beleza escolar, uso meu olhar para encontrar esses momentos simples e preciosos para o fortalecimento da escola.

Na visualidade, registro o que querem me mostrar, o criativo dia que parecia tão monótono, as crianças elaboram sem minha supervisão, tocam e circulam entre todo o espaço alcançável e inalcançável. São esses pés registrados nas fotos, com bermuda florida, bermuda da escola e outras vestimentas que estão deslocando as situações e problemas enfrentados por eles. No fundo, nessa intimidade poética da escola, aclamada por uma professora, desejo que possam enxergar mais do que pude nesse repertório visual.

Escolho essa representação e metáfora dos pés correndo como meio de expressar a movimentação constante dentro da\na escola, enfatizando o começo da prática estética em sala.

Figura 14 – Pés em movimento.



Vendo as coisas em suas ordens, podemos perder suas obras férteis. A escola, como apontamos em Certeau (2012), atribui-se em distinção da ordem, relacionado a estabilidade e o juízo. Esse “lugar” que não expressa variáveis dá vez ao espaço, que cruza os elementos móveis e transforma seus efeitos. A exclamação de um percurso corpóreo introduz o espaço praticado, gestando as escolas transportadas por seus corpos. Uma narrativa visual sonora da criança, que acompanha a palavra, mas dela sozinha não se constrói. Todo dia, os corpos atravessam e organizam percursos de espaços, pés narrativos – por ser movimentado.

[...] “Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam (CERTEAU, 2012, p.183). A viagem desse corpo na escola projeta variáveis convenções feitas durante a caminhada e que são velozes. Digo, uma determinada agilidade de aprimorar o saber\ fazer, estendendo um leque de passos inéditos.

Figura 15 – Os passos.



Para nós, que apreciamos a vitalidade, é preciso ter movimentos, uma turma bagunceira, na melhor de sua rebeldia inventiva. A visualidade acima registra esse momento de baderna e descontração. As crianças que percorrem um espaço cheio como a escola, com instruções, metas e resultados precisam frutificar, em suas práticas, uma vida autônoma e paralela às formas de inserção de quebra do corpo. Ao estar no sistema vazio, operados pelas crianças, identifico que o esvaziamento do sentido sedentário não se encontra tão vazio para nós. Careri (2013) nos diz “ao emergir no sistema dos vazios e começar a percorrê-los nas

suas enseadas capilares, compreende-se como aquilo que até agora chamamos de vazio não é tão vazio como parece e que, na verdade, apresenta diversas identidades (p.159) “.

Num *espaçotempo* aberto, indefinido e incomunicável existem forças com suas relevâncias e importâncias, isso, nomeio de culturas ordinárias, como Certeau (2012) nos ajuda a pensar. O esvaziamento da cultura burguesa não significa que não haja culturas sendo gestadas. Por isso, quando resolvemos explorar o percurso estético, os alunos e eu reconhecemos um vazio acolhedor e completo, para nós, naquele momento, naquela esfera e naquela ocasião. As metamorfoses culturais, nos variados contextos sociais, proporcionado pelas trocas, inclui um percurso que possui seus valores estéticos cheios de desordem e ausência de clareza. As escolas nascem nesse fazer, criando um estado de permanente mudança, sem explicações. O despertar de um habitar selvagem, necessário, para articular o golpe por cima dos que querem o seu adormecer.

Com os seus movimentos as crianças descolocam os contratos formais da sala de aula. A falta de comunicação com os signos normativos da escola caracteriza as criações abstratas ou rebeldes dos corpos. Em suas tribos estéticas fazem coisas que ressignificam a arrumação, o diálogo e o corpo.

Figura 16– Desmontando os lugares.



### 3.2 Movimento belo

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender.

*Bell Hooks*

Quando penso nas crianças e no cotidiano escolar desloco meu olhar para as micros resistências, mas também, para as suas micro alianças afetivas, sobretudo com seus colegas. O impulso instintivo, nem sempre ameno, quase sempre violentos, é o que se percebe a dominar os primeiros instantes nos encontros da turma. Mas, a aparente “impulsividade” é recheada de toques que aproximam o corpo no susto, no choque, nas trocas de calor imediatas. Os imaginários que os envolvem acordam os olhos adormecidos pela fé na imposição de uma disciplina impossível e jamais efetivada.

Certamente, dialogar sobre os corpos faz considerar a potência do choque, sobretudo quando estamos entre na escola, idealizada sob o mecanismo panóptico <sup>5</sup>(1987). Uma esfera projetada, sob certa perspectiva, para vigiar e punir, visando combater o movimento que não se pode controlar. O choque do corpo não se dá apenas entre as crianças, mas, também contra o que oficialmente quer imobilizar o que é estruturalmente dinâmico. A atenção a esses acontecimentos e às relações entre crianças e a instituição permite conhecer um pouco mais os desejos, os aspectos estéticos e éticos que conduzem a educação escolar. Acontecimentos e relações deflagradas e efetivadas pelos corpos e nos corpos de cada um dos protagonistas dos espaços escolares.

“O corpo não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos, mesmo em suas manifestações aparentes de insurreição, quando provisoriamente uma ruptura se instala na transparência da relação física com o mundo do ator (dor, doença, comportamento não habitual, etc.) (LE BRETON, 2012, p.32).

As crianças do quarto ano parecem voltadas para o confronto, atitudes que articuladas à dinâmica escolar, refletem o aprisionamento dos corpos. A palavra liberdade entra em jogo, e, muitos a utilizam para realizar o que desejam. Entre os trabalhos nas apostilas, os livros e quadros, muitos reclamam, se mostram apáticos ou entediados e não conseguem partilhar e utilizar do espaço escolar com suas cores e desejos. A sensação de perda é, sob muitos aspectos dolorosa para os professores e para os estudantes, não deveríamos perde-los, pois, não significaria apenas um número na evasão escolar, perde-los significa um corpo que

---

<sup>5</sup> O panóptico organiza o espaço e garante a ordem.

perdeu seu gosto por um *espaçotempo* no qual sua permanência e ganhos deveria ser prioridade.

Certo dia, estávamos dialogando sobre o sistema político, entre decisão para presidente, Prefeito e demais cargos eletivos, constatando que a sociedade conserva uma linha tênue entre diretos e deveres. Para as crianças claro, caiu como luva provocar a escola e a intenção de provar, ao mesmo tempo, que os supostos direitos não contemplam seus desejos e a tal liberdade. Tão importante quanto, construir a democracia na escola, tornou-se naquele instante, importante a ação do corpo estético-prático-instintivo. Com a ideia de Boaventura (2000) entender a igualdade, defende-la reconhecendo, entretanto, a importância das diferenças.

Para iniciar, montei um mural com linhas sinuosas, entrelaçando rotas e desencontros, imagens de todos os tipos foram deixadas à mostra e todos tiveram liberdade para expressar o que entendiam ou percebiam nas referidas imagens. São os modos de viver a repetição do cotidiano, sempre diferentes, mesmo que em detalhes mínimos, que evidenciam que a rotina é sempre feita pela surpresa. Assumimos um consumo da sala de aula que se perde no abstrato dos traços e cruzamentos dos signos expressos. O mural tornou-se aparente e superficialmente uma rabiscação, mas satisfatória para seus autores. Está é a decisão tomada por mim perante a pesquisa, reconhecer a beleza nos corpos quando parecem ser desafiadoramente instintivos e indomáveis.

Anteriormente destaquei a invasão da sala de aula, o toque na materialidade da sala foi ganhando extensão para os murais designados a conteúdos formais. Com a palavra liberdade propus a feitura do mural, com alguns detalhes, podendo ou não, despertar prazeres de manusear os móveis da sala de aula. Em pequenas palavras administramos o diálogo sobre a liberdade. Perguntei:

- Somos livres?

Muitas crianças respondem:

- Na escola não. A sala de aula muitas vezes fica chata. Toda hora: senta!

Percebi que estava cedendo as armadilhas panópticas, como carne, sinto os sabores dos prazeres e disciplinas. Mas que bom que posso repensar minhas práticas. Através da cultura visual e sonora deixei o mural a disposição do embelezamento. Pode parecer nas palavras que a minha permissão advém de uma hierarquia, no entanto o contra movimento do corpo que impôs sua ordem.

Figura 17 – Criando o mural.



Consigo contemplar no lúdico a noção da teoria do cotidiano, isto é, como a formalidade e discursos nos impõe modos de convívio social, principalmente na escola, porém, o cotidiano impõe outros modos de viver e nos exige soluções nem sempre formais, assim como nos leva, a romper com certas lógicas e regras, embaralhando certos sentidos e dando outras cores ao dia a dia escolar.

Na linha tênue entre o realizado e o escrito, proponho que juntos, nessa leitura, possamos ver o que eu não consegui transpor. Algumas imagens foram registradas pelas crianças, o entusiasmo de registrar a participação no currículo praticado envolveu o que as crianças querem que nós vejamos. Uma outra forma de tonar suas visualidades e sons ativas no trabalho desenvolvido.

E no desenvolvimento do mural reaprendemos na prática o processo democrático, na participação ativa de todos e nas singularidades expressas no contrato da sala. Começamos a gerir a noção de gestão participativa e a solidariedade; ao marcar seu registro no mural e ceder espaço ao outro colega. Uma aula sócio histórica que permitiu a crítica ao sistema político com viés a liberdade e seu povo.

Figura 18 – Tocando.



O interesse está centrado no caminho percorrido e no que será percorrido, considerando, em muitas atividades, as suas possibilidades e resultados estéticos como elementos de relevante significação para os estudantes.

Figura 19 – Abstrações.



Entre os modos mais significativos de prática social solidária estão a ajuda pontual e cambiante a quem necessita dela e a ação coletiva (enredando diferentes conhecimentos) na solução das questões comuns. Cada troca de cores, espaços no mural e intenções assumiram uma negociação independente dos alunos. No pacto entre eles, em nome não apenas do bem-estar, mas da admiração da sala de aula, dividiram-se e pintaram seus espaços. O ponto inicial do processo sempre traça uma individualidade racional que vai se dissociando com a tessitura cotidiana político-epistemológica e coletiva da imaginação emocional.

Ainda na linha da invasão da sala de aula e na visualidade bela, a valorização das práticas plurais não está ineficiente em eficácia de métodos de ensino, fazemos uma combinação alterada da ordem com a busca no despertar do interesse do corpo. Estamos, acredito, auto atualizando o próprio bem-estar educacional.

Nas palavras de Bell Hooks (2013) a educação progressiva e holística, a pedagogia engajada, é mais crítica, advém do compromisso ativo da professora e do professor de auto atualização que promova o seu próprio bem-estar. Só assim poderíamos ensinar, fortalecer e capacitar as crianças. Aprendi, que o fortalecimento docente vem de todas as obras desconhecidas e a nossa curiosidade fomentava mais nosso compromisso com a educação corpórea. Pois, como digo, é um processo educativo humanizado.

Figura 20 – Confeccionando a aula.



A pesquisa do, no e com o cotidiano implica na absorção das práticas do dia a dia e na exploração das produções e acontecimentos gerados pelos que estão envolvidos no campo

investigado. Implica também em desfrutar da inspiração poética que transborda na vida diária, na continuidade do belo...

Estamos em semana de provas, outro ritual marcado nos anos escolares. A produção textual deve ser treinada, executada e planejada com os alunos. A ideia seria de que só escrevendo que poderemos alcançar a perfeição da escrita, ou ao seu domínio satisfatório. O desafio, contudo, é, via a escrita, narrar e discutir a fugacidade do cotidiano em seus diversos acontecimentos, em sua volatilidade irredutível à mais hábil representação. Talvez, sob a forma literária, assumidamente poética, a intenção fosse bem-sucedida. Entretanto, entre as crianças para as quais a tarefa de escrever oscila entre o lúdico e o enfadonho, outras percepções se dão.

Sob o tema “o menino que queria aprender a ler e escrever” resolvemos explorar outras dinâmicas, centrando a atenção e o investimento pedagógico na dimensão sensorial. Inspirada pela lembrança de que somos substâncias, massa emergindo ao universo, início uma atividade de modelagem com massinha e peço que pensem na posição dos corpos meio ao tema trabalhado. Sem mais palavras, e bastante ação, inúmeras obras vão surgindo nas mãos das crianças, pessoas que se constroem na invenção. Efetivamente outras inscrições no espaço, imagens irredutíveis ao código limitado da alfabetização.

Na ideia do corpo acoplado ao *espaçotempo* escolar proponho a visibilidade desses olhares através da modelagem. Algumas produções apresentam as marcas pontuais da sala de aula, quadro centralizado, mesas verticais, professor posicionado à frente.... Como podemos observar na imagem abaixo. O grupo durante a produção soltava frases como:

- Azul e branco, não podemos esquecer. Disse um aluno em voz alta, muitos concordaram ao balançar a cabeça, porém outro, em voz também alta, diz:

- Mas meu uniforme não tá igual ao seu. Na deixa, começaram outras frases que registravam a customização no uniforme.

- Minha ‘legue’ é rosa e não pode, mas venho.

O diálogo envolveu a transgressão do uniforme, mas com um teor de felicidade, no poder de mesclar o visual nos pequenos detalhes. É evidente que eles compreendem o peso de suas interferências e, na disputa sob o uniforme, as crianças destacam seus gostos. E ensaiam elaborações a respeito do que vivem e captam. A cartografia escolar tem o uniforme como emblema central da imagem escolar. Os alunos absorvem a força do processo de escolarização que afeta imagens, autoimagens, modos de viver e produzir a escola, assim alguns, afetados pela obrigatoriedade do uniforme, a elaboram na representação visual e plástica, na experiência narrada, na modelagem com massinha. O uniforme como pista lá no

início da pesquisa retorna, mostrando que entendemos sua disciplina e como dela podemos agir estrategicamente.

Figura 21 – Bonecos em azul e branco.



O corpo chegou antes da fala, quando dediquei à atividade ao manuseio da massinha, a palavra não era necessária. Toda via, como vimos corroboramos sempre para criação de signos, e a fala é inevitável. Sendo assim, não posso nesse processo dispensá-la ou desconsiderá-la. Afinal, na ordem e efetivação dos enunciados emergem outros significados que consomem e instauram o mundo. Nessa etapa os alunos devolvem o sentimento da produção em falas, compondo mais um atributo à pesquisa.

Uma fala que simplesmente me surpreendeu foi a do Matheus que está a todo instante extravasando:

- “TODO ZUMBI ISSO”.

A fala imponente e engraçada me alertou, continuei assim a conversa:

- Você se sente um zumbi na escola?

- Fico não, vocês querem, mas não fico não (risos)

Na sua percepção fui convidada a pensar novamente no meu papel de professora. Quando Matheus usa o vocês eu estou claramente incluída. Sou parte da contradição cotidiana, sou a figura da professora que não se apagará facilmente. Mas sugiro, a todos, uma nova repaginação da figura “professora”. A palavra zumbi acrescenta uma simplicidade e melhor compreensão possível dos impactos que o aprisionamento entre quatro paredes podem desenvolver. O embelezamento e horizontalidade dos papéis na escola entram no jogo, e antes

de escrever sobre o menino que queria ler e escrever, as crianças queriam aproximar seus conhecimentos e suas formas de narrar a escola.

O terreno do cotidiano nunca é plano, espalha-se em altos e baixos e as atividades, em sua maioria, foram desenvolvidas no momento de aparente estafa mental e meio ao desafio rotineiro dos confrontos. Em busca empática por soluções dos problemas que nos afrontam e invadem, busco um olhar entre a diversidade de sensações e preferências dos meus interlocutores imaginando urdir de alguma forma uma rede de ações educativas marcadamente estéticas, como o são as atividades plásticas, imaginativas, gestuais, etc..

É notável a euforia das crianças ao produzir suas obras que surgem como detalhes da grandeza do viver espalhado no cotidiano. Como um aluno sempre diz, quando elabora um novo feito: não é brincadeira não, hein! Na execução de todo um aparato de *saberes-fazeres* imaginários estávamos diante do desenho das realidades vista por eles.

O que se passa quando não passa (PAIS, 1993), nos deparamos na visualidade cotidiana. Entre o amassar nos dedos, a massinha foi se transformando em composições corpóreas sensíveis, encontrada na dimensão da sala, só que, sedimentada na dimensão dos conhecimentos que se formam também por acréscimos e decréscimo, conexões e articulações poéticas, como convém à escultura e à vida que se forma dia a dia, na concretude do cotidiano. Amassando a regra e improvisando conquistas férteis do gesto plástico, no encantamento da experiência estética. Inicialmente, vemos a colocação da sala de aula para representar o cenário do tema, conclusões precipitadas invadem o nosso pensamento, no entanto, o que vemos sendo criado, surpreende via as pistas contidas nos micros detalhes das obras. Revelam sutilezas do cotidiano sob o deslumbramento da criança autora. As minúcias revelam a exteriorização dos desejos.

Figura 22 – Bonecos coloridos.



Na ressignificação das concepções e dificuldades em sala tivemos série de modelagens com bastante cores. Um outro grupo de artistas fundiu aspectos da sala de aula com a alteridade. Com a imagem acima os diálogos foram tomando novos rumos e novas lógicas entorno das práticas-pensamentos. A mistura de cores e detalhamento dos bonecos foi mais expressiva que anteriormente, consolidando falas mais otimistas sobre o cotidiano escolar:

- “TÁ MAIS BONITO” (Juliana diz).

Os percalços são desafios, necessários. Seria um engano afirmar que estou ileso das armadilhas hegemônicas no campo da pesquisa. O estudo minucioso não evita o contato com as macronegociações das relações.

Nilda at (2019) assinala, a imensidão da vida e suas vastas macronegociações que elaboram os acontecimentos diários. O sentimento de mundo dentro de sala de aula é constituído pela dimensão das experimentações e experiências sempre recriadas nas circunstâncias de cada momento nas escolas.

Muitas criações resultam do manuseio da massinha e, certamente, dentre estas um pouco da construção de si, na medida em que seus músculos, imaginação, percepção ativados e em alerta, concorrem para o sutil e permanente fortalecimento dos corpos que são. Como observa Le Breton (2012), *não temos um corpo, somos um corpo*. Um lembrete oportuno ao observarmos as crianças que a todo instante estão reconfigurando suas potencialidades por meio do movimento e percepção do e no mundo.

Diante de uma prática prosaica como a manipulação da massinha ou argila, podemos não considerar a contra força deste trabalho, se considerarmos na perspectiva da educação tradicional. Contudo, o corpo que se afirma e exulta em práticas criadoras e sensíveis será efetivamente munido de energias indispensáveis ao êxito de sua participação na realização de uma sociedade justa. Para além do discurso e dos programas político pedagógicos, reconhecemos a magnitude do que é produzido na indescritível prática. Na utopia, sigo nas palavras de Eduardo Galeano (1994), quanto mais me aproximo, mais me afasto, por mais que caminhe, jamais alcançarei, no fim a utopia serve para que eu não deixe de caminhar.

A despeito da consciência das utopias que de alguma forma nos afetam, a aspiração por realizações contamina nossos movimentos e influenciam as nossas práticas cotidianas, a intenção política não se reduziria.

No ritmo dessas ações compreendo a metodologia das pesquisas dos/nos/com cotidianos escolares: prática-teoria-prática, no inexorável cotidiano vivido na pesquisa. E, é considerando o saber dos meus interlocutores, os coautores da pesquisa que busco registrar

questões e reformular o que seria “um olhar de pesquisadora”. Para tanto, valorizo a conversa com os autores que destacam a potência das ocorrências diárias.

Contudo, as conquistas da pesquisa não se reduzem ao encontro com os textos e suas aplicações no registro do que vivo no campo investigado. Outros movimentos são originados da dinâmica do dia a dia. Toda narrativa a respeito de alguma experiência estética não escaparia, do discurso, entretanto inapreensíveis em sua totalidade pela palavra, estimulam outras e outras experiências assim os caminhos propostos às crianças nas aulas e nas decorrentes trocas fomentam novas ações e produções poéticas que ajudam o coletivo ao qual pertencem a equalizar o efeito das dificuldades e demais durezas da vida.

Observamos os detalhes das cores que foram aplicados nos bonecos e vemos a liberdade que o imaginário exige. Entramos na diversidade dos abrigos identitários que faz parte da imersão nas coisas do mundo. Como dizem as crianças, “essa coisa aí, tá ligado?!” Esse mundo que está jogando informações a todo instante (precisamos ser rápidos para não sermos sugados). No toque sentimos um cotidiano que a fala não abarca. Frente aos limites da palavra vemos o corpo indomável do praticante.

Figura 23 – Boneco indomável.



Destaco a imagem acima por me parecer uma mistura do hegemônico com o desejo. O corpo no uniforme, mas, os olhos saltam e o corpo dança em sua imobilidade. Além do cabelo, um artifício físico que contrapõe a uniformização escolar, por meio da representação plástica, a força da auto criação sobre a qual é impossível intervir. Impossível moldar o corpo do outro à nossa vontade, observo então como os corpos se auto realizam, os individuais e os coletivos em intercâmbio permanente no cotidiano escolar.

O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que podem realizar, as resistências que oferece ao mundo, são incrivelmente variados, contraditórios até mesmo para nossa lógica aristotélica [...] (LE BRETON, 2012, p.28-29).

A força da autocriação permeia todas as atividades pedagógicas, as quais, por sua vez, nunca se limitam aos objetivos curriculares formais, na medida em que sempre oferecem meios que ultrapassam as formalidades da sala de aula. Quando observo a centralidade do corpo no cotidiano escolar, percebo que a expansão das suas manifestações, se sobrepõe ao interesse pelo sucesso da atividade escolar, dando vez às rotas de percursos íntimos ou pessoais. Reitero a surpresa, no processo de campo, da grandeza instaurada pelo corpo no microcosmo da sala e do movimento belo como força do trabalho das crianças.

### 3.3 Movimento intangível

A importância de um hedonismo latente

*Maffesoli*

A palavra imaginário tem ganhado destaque no processo da escrita e da prática. No latim ela significa: criado pela imaginação e que só nela tem existência; que não é real; fictício. Ao longo desta pesquisa um dos aspectos mais relevantes para percorrer o cotidiano, apresentado pelos alunos, foi a criação de imagens, atuações e enunciados, tudo isto é inseparável do imaginário como dimensão da constituição humana. O que mais venho desenvolvendo com as crianças é a superação da rotina escolar, um tanto intangível pela ciência moderna, por emanar o espírito selvagem dos corpos.

As noções pejorativas de “pré-lógico”, de “primitivo”, de “pensamento místico” são substituídas pouco a pouco pelas de “arquétipo”, de “lógica outra”, de “participação” etc. Todos esses “*distantes*”, ou ainda mais, esses territórios conservados à parte pelas ciências sociais clássicas e, especialmente, pela sociologia francesa, retomam sua dignidade e seus direitos. Bem exemplar nesse sentido é a noção de “selvagem”. Por muito tempo ela significou “bárbaro”, com as conotações de infantilidade, de crueldade, de grosseria, de incultura. Essa noção se opunha radicalmente à de “civilizado”. Nosso último meio século inverteu totalmente essa relação: o famoso livro de Lévi-Strauss, em 1962, “*O Pensamento Selvagem*”, significa, contrariamente a todo europeucentrismo, que “os homens sempre pensaram bem” e que em todo homem subsiste um patrimônio “selvagem”, infinitamente respeitável e precioso (DURAND, 1994, p.14).

O grande narrador dos corpos, das imagens e das escolas foi a imaginação de criar o desenrolar das relações. Como Nilda (2019) relata, os personagens conceituais que criamos e com os quais conversamos nos servem para compreender o que estudamos e para sugerir

novos questionamentos, incentivando o movimento de pensar. Proponho um pensamento ao desconhecido do rito selvagem para movimentar as escolas com suas criações contrárias ao já visto e produzido.

A sociologia do imaginário permite na pesquisa à inversão dos valores perante um acontecimento escapável e abstrato. Mesmo ganhando destaque pela inserção na ciência, o imaginário não provém apenas caminhos contrários a exatidão, ela permite descobrir a errância como um novo aporte as indagações renováveis.

Durand (1994) assinala “esse imaginário se define como a incontornável re-presentação, a faculdade de simbolização, de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente (p.34)”. Nisso, sou movida pela aceitação lucida que o imperativo do conhecimento não se funda em um mundo verdadeiro para além deste mundo aqui (MAFESSOLI, 2018). Este mundo aqui é feito pela rítmica do corpo em sua fértil posição de curtir o que se vive aqui e agora. Na imaginação de encarnar os amores, medos, dores e sentimentos que surjam dos momentos experimentados. A busca por atividades que incentivam o imaginário emana dos enigmas corpóreos, como pesquisar um corpo complexo sem expor suas obras intangíveis?!

Como não deixo as palavras isentas dos sentimentos dinamizei com eles a confecção de um corpo mergulhado na imaginação e expressão dos sentimentos. O macro é tão representativo na vida do corpo quanto o micro. O micro por si só não pode atingir a perspectiva das relações, mesmo que estejamos agindo em um micro *espaçotempo*. A forma que a escola me mostrou a presença firme do macro e como dela surge grandes questões, necessárias, me fez também lutar por esse *espaçotempo* micro escolar de transgressões. Um trabalho de grandeza desenvolvida na minuciosidade da sala de aula.

Figura 24 – Relações dos corpos.



Mas tive em todo o momento o cuidado de expressar essas formas intangíveis com a demanda das crianças e no diálogo com os conteúdos. Por isso, o currículo praticado ganha a imersão do universo imaginário por sua rebeldia, sendo uma legítima oposição a verdade absoluta do conhecimento. Formamos nas atividades a recreação para extravasar as tensões que o corpo carrega, a inconsistência do imaginário alinhou-se a prática estética, a qual vemos agir dia a dia nas crianças.

A elaboração de imagens inventivas, com memórias íntimas, invoca o protagonismo do corpo e seus sentimentos conhecedores do mundo. Na imersão da emoção e do imaginário Maturana (2011) percorre esse cognitivo corpóreo.

Em outras palavras, é a emoção sob a qual agimos num instante, num domínio operacional, que define o que fazemos naquele momento como uma ação de um tipo particular naquele domínio operacional. Por este motivo, se queremos compreender qualquer atividade humana, devemos atentar para a emoção que define o domínio de ações no qual aquela atividade acontece e, no processo, aprender a ver quais ações são desejadas naquela emoção (p.130).

Com a dimensão do intangível emocional começamos a praticar mais uma vez o currículo do quarto ano. A fábula é caracterizada por animais que agem como seres humanos. A apostila que orienta alguns conteúdos trazia esse gênero textual para aula. As crianças questionavam as atitudes dos animais depois de algumas leituras da literatura infantil. Em um certo momento estávamos imersos na pergunta: e será que nós humanos agimos como animais? Muitos avistaram na pergunta o pré-conceito de incivilidade, más práticas e maus costumes. Mas ao mesmo tempo os detalhamentos das informações foram conduzindo a práticas culturais que são marginalizadas pela normalidade da ordem neoliberal.

- Falam mal, como se eu fosse animal. Moro lá no morro.

Allana diz:

- Isso não é ser animal. Eu não ligo de morar no morro.

Novos conceitos do que seria um ser humano com rastros na animalidade surgem:

- Quando eu jogo futebol dizem que fico animal. Mas jogo bem.

Em risos outro diz:

- Brincamos no futebol.

Entre tantos modos de exemplificar um gesto de animalidade, começamos a atividade de expor a animalidade imaginária através da criação. Ao encontro às falas destacadas, menciono como somos motivados a dar o de melhor e lutar por nossos mundos vistos como males. As crianças começaram a criar seus animais, contando como é ser um corpo com características

de instintos selvagens. O território dos sentimentos clandestinos produz imagens com respingos do ser animal nas quebradas da vida.

Agora, as crianças são as fábulas com as possibilidades nas mãos de contar suas histórias e montar seus personagens. Assim, a relação do indivíduo na significação da sua existência tem como escolha a sua invenção dos signos sociais. Isso gera um impasse que vemos ao decorrer do texto, a necessidade de signos na sociedade e o poder de desmonte do corpo sobre o que lhe sufoca na vida. De toda forma, o corpo assume sua necessidade de continuar criando signos que nesse processo podem não vir a ser um sentido, transformando-o em uma outra coisa no mundo indecifrável. Na escritura de si, o corpo passa por um período de falta, uma carência que não se decifra, continuando sua jornada de sensações e desejos incompreensíveis. O importante é que suas materialidades de comunicação não eliminam a dimensão interpretativa do sentido nem o regime mais opressor poderia reprimir os efeitos de presença (GUMBRECHT, 2010). Neste conflito continuaria a ressonância do corpo em metamorfose.

Figura 25 – Máscara inventada.



Figura 26 – Máscara em processo.

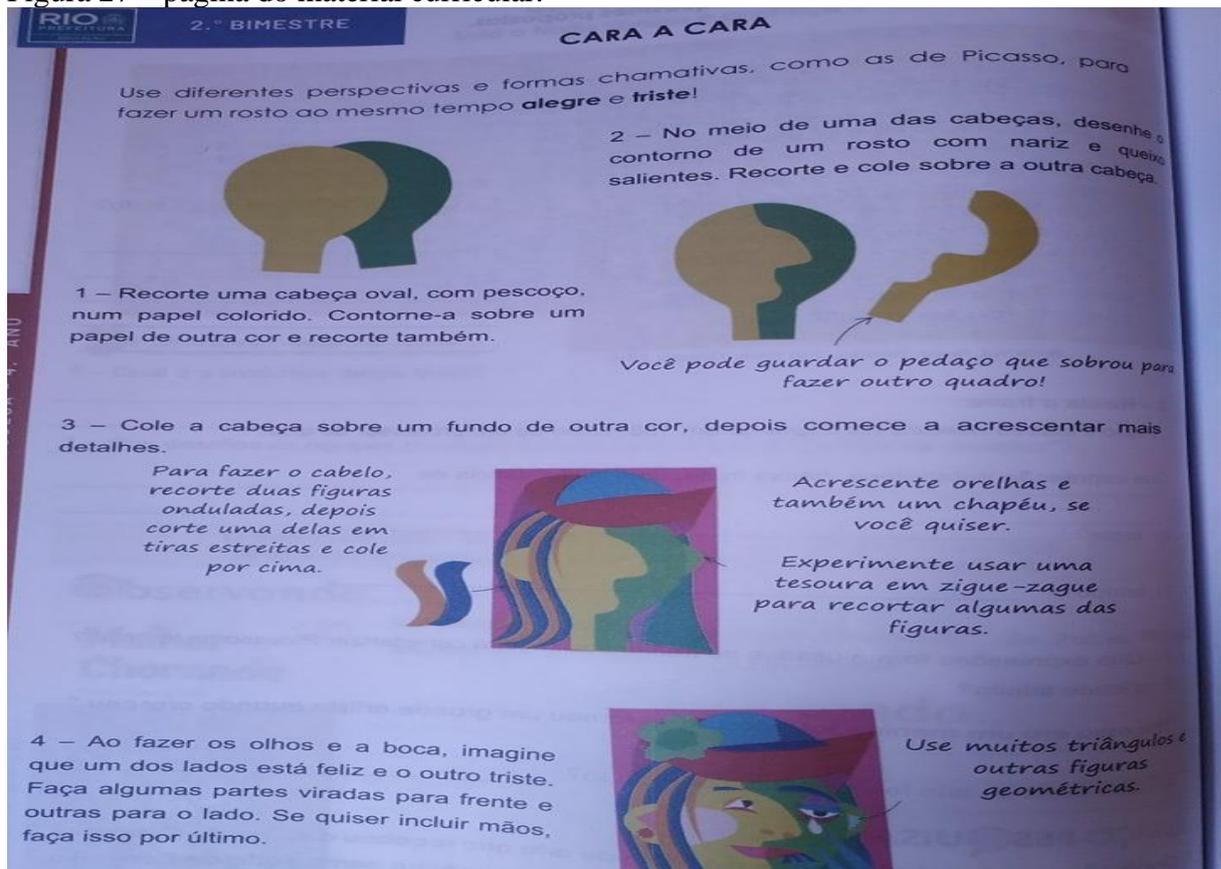


O movimento cotidiano é feito pelos rumos que vamos tomando, sobre tudo, nos gestos que nos escapam, movimentos cuja intensidade jamais será capturada ou efetivamente, representado pelo texto, muito embora inspire a realização das narrativas, captura e escolha das imagens que tentam representá-la.

O sentimento é um viés que nunca neguei dentro da pesquisa acadêmica, por entender que dentro dos sentimentos se faz as conversas do dia a dia. Sendo tão forte para a professora quanto para as crianças, explorar os sentimentos indica possíveis reencantamento do mundo para os processos problemáticos da sala de aula. Como Maffesoli (2014) nos diz, “fanatismos, religiosos, histerias esportivas, êxtases musicais, extravagâncias políticas, toda e qualquer coisa é contaminada pela paixão (p.05)”. A sala de aula não ficaria atrás, sendo mais um lugar de encontro das trocas e dos conflitos, isto é, um lugar das efervescências corpóreas.

As paixões encaradas no nosso dia a dia tiverem um novo desfecho na atividade da apostila. Foi uma inspiração as paixões, mas evidenciou também, as tristezas que pairam sobre os corpos. Não negamos nossa recaída nas dimensões da dor, entendemos que nelas podemos construir uma nova restauração do corpo. E como salientei, o universo escolar está repleto de todos os sentimentos, basta saber qual deles queremos evidenciar na pesquisa.

Figura 27 – página do material curricular.



O conteúdo da apostila tem um estilo interdisciplinar algumas vezes, no exemplo acima temos um bloco de português com um estilo artístico. Estudando a biografia do Picasso vemos como desenvolver sua perspectiva, uma arte branca e europeia com seu valor, mas em pé de igualdade com o valor dos protagonistas da escola. Vimos nesse trabalho a possibilidade de dialogar sobre as tristezas e alegrias da escola.

Gabi diz:

- Fico alegre quando posso correr no pátio e triste quando tem muito trabalho no quadro.

Yuri diz:

- Fico feliz quando posso pegar a goiaba do pé da escola e triste quando não posso pegar (risos).

Entre muitos diálogos voltamos ao intangível do ser humano para concretizar nas cores seu sentimentos.

Figura 28 – Sentimentos.



Se a ideia inicial era apenas representar um rosto com a expressão de dois sentimentos, o processo de construção mostrou mais. Quer dizer, foram surgidos os apontamentos das dores e paixões que se desenhavam na imagem.

O imaginário também integra a rede de acontecimentos que faz o cotidiano escolar e movimenta os seus praticantes. Tais *práticas pensantes* estão prontamente esboçadas na vitalidade do ser humano. Uma força, em primeiro instante não visível, mas que indiretamente, movimenta as circunstâncias do cotidiano. Mais uma vez, juntamente deles, confeccionamos máscaras visando explorar o ritmo do corpo e seu aspecto criador. Sentimos a necessidade de explorar as máscaras como um produto da fertilidade das crianças. Na transformação do abstrato no concreto, as máscaras desenharam um mergulho das visualidades, gostos, sons e desejos dos alunos. No primeiro instante uma atividade de produção estética livre de um tema central.

Em um dos jornais apareceu a manchete sobre o céu escuro de São Paulo, e interligando as lendas, conversamos a respeito da importância da preservação da Amazônia. Mais que, um diálogo hermético, personificamos o imaginário do corpo selvagem. Tratamos sobre questões folclóricas, pertencentes à história social do Brasil. Precisávamos exercitar tais conhecimentos com uma solução imediata as indagações dos ritos da selva que fossem além das receitas. A reflexão conjunta à necessidade de manusear a criação do próprio personagem folclórico à proteção das florestas foi uma das ações de formação do que posso ao dia a dia.

Não tivemos um modelo de máscara a ser replicado, muito menos a exigência de perfectibilidade ou de beleza. Mas não posso negar meu rastro de professora, levada também aos deveres de dialogar sobre as temáticas latentes no dia a dia, pois como Freire nos ensina, ensinar é um ato político.

No dia, em que o gênero textual jornalístico se transformou em máscaras, estávamos na semana do folclore e, por ironia do destino, uma lastimável ação humana tinha transformado o céu da tarde de São Paulo em noite. No percurso do currículo praticado pedi que produzissem novas lendas folclóricas do imaginário juvenil, evocando, os sentimentos envolvidos na construção da animalidade, que além de ser parte do corpo, faz parte das lendas brasileiras dos povos indígenas. Nas variedades visuais, sonoras, belas, intangíveis e estéticas nós seguimos nos nossos dias letivos.

Figura 29 – Imaginário.

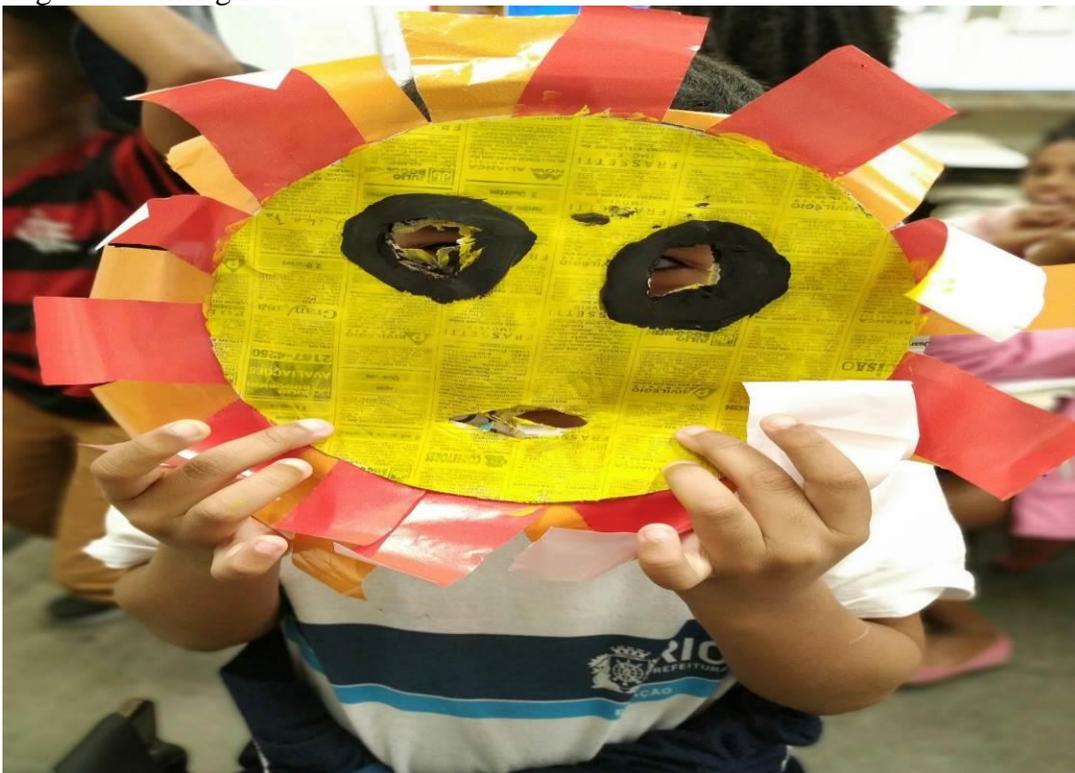


Figura 30 – As artes.



### 3.4 Movimento em redes educativas

Na ecologia dos saberes cruzam-se conhecimentos e, portanto, também ignorâncias.

*Boaventura de Sousa Santos*

No percorrer da pesquisa lidamos com a referida grandeza e, portanto, com os dilemas da vida que alcançam e envolvem a sala de aula. Toda a complexidade, das singularidades individuais às movimentações coletivas, pode ser observada por meio dos instrumentos oferecidos pelos estudos da cultura visual, na medida em que os processos educacionais escolares são intimamente ligados aos recursos e produção estética. As crianças, oferecem imagens em seus corpos, via as interferências nos uniformes, via seus gestos e sobretudo por meio do que desenham ou modelam, assim, deixam perceber as suas visualidades e sons, ressaltadas como modos de ver e criar o mundo. Nessa perspectiva, a sala de aula torna-se palco ou laboratório da produção de existência e de suas ressignificações. De uma atividade, somos levados à necessidade de outras ações. Na velocidade e na metamorfose das práticas-pensamentos prosseguimos no desenvolvimento da escola.

O corpo inseparável das redes educativas emerge de um recorte imagético, cujo problema colocado foi: o que a escola precisa conhecer da sua vida? Com um apanhado de imagens em grupo, os alunos questionavam se era possível expor suas seleções. Como se a escola ainda não pudesse acolher o conhecimento exposto ou, até mesmo, desconsiderar seus *saberesfazer*s, se mostram espertos e afrontosos quando se trata de conquistar o *espaçotempo*, com recortes que expõem temáticas emergentes na sociedade e outras que compõem suas micros realidades.

Nós percebemos, que mesmo com idades entre 9 a 12 anos, os dilemas são os de corpos que vivem intensamente o presente. Nesses acontecimentos oportunos o João Pedro recorda uma aula sobre direitos humanos. Frente aos problemas que marcam a atualidade não poderia evitar esclarecimentos a respeito de cidadania em sala de aula, e quando uma criança explicita a interdisciplinaridade, vejo a relevância de contemplar os dilemas ou problemas nas aulas. Essa observação se deve à necessidade do grupo em retornar a determinados assuntos para selecionar suas imagens. Como a Ana Clara diz:

- O grupo decidiu colar imagens com nossos direitos.

Pergunto, curiosa:

- Qual direito vocês viram nas imagens?

- Direito a brincadeira e ao que gosto. Como comer, ficar com as pessoas e fazer coisas.

Caique ainda enfatiza:

- Seres humanos fazendo muitas coisas.

Na imagem abaixo temos uma variedade desses gostos, desejos e invenções. Na busca de um cotidiano que não se prenda à escrita, as visualidades e sons mais que conversam com as realidades, elas sempre se mostram como parte da materialidade do real.

A última fala retorna à discussão do capítulo introdutório, sobre o ser humano que faz “coisas”, incontáveis no cotidiano. As representações dessas conexões acrescentam a esfera curricular, da qual, não dispenseo no debate da pesquisa. Pois, nos atravessamentos de uma professora passa-se o currículo feito em sala de aula, tensionado entre as construções do ser humano sempre envolvido com a produção estética. O desejo é latente entre as horas e dias que carregam os movimentos escolares, ou seja, acredito na dedicação do ser humano ao gozo nas imersões diárias.

As crianças contam sobre suas conjunturas familiares, seus diálogos com sua comunidade e coisas que compram nos mercados. Os conhecimentos girando entre a emancipação da validade do que faço e sei ao processos capitalistas de opressão.

Figura 31 – Visualidades da vida.



A próxima imagem é constituída por um apanhado de outras imagens com uma especificidade definida. Tendo em vista, afirmação da cultura negra. A sala de aula de uma escola pública é, majoritariamente, composta por crianças negras. A pesquisa não tem a finalidade de discutir esse aspecto efetivamente relevante, contudo, fomos sensíveis à demanda de tratar de aspectos concernentes à problemática étnica e racial, cuja importância é política em várias esferas sobretudo no que diz respeito ao corpo, cerne de todas as políticas.

Sophia diz:

- O racismo é quando falam do meu cabelo, minha trança e minha cor – Preta né?

Nesse instante, a pesquisa ganha a tonalidade dos traços e tradições que percorrem um corpo. Parece amplo, mas se pararmos para pensar, o corpo é uma aventura sem fim. Muitas são as brechas, e como dizemos no cotidiano, as pistas que promovem a nova oportunidade de *saberfazer*.

Figura 32 – Visualidades marcantes.



O corpo singularidade dos grupos sociais introduz no currículo o racismo, o preconceito, a desigualdade, o eurocentrismo, o machismo, a homofobia e variadas formas de discriminação. Temáticas que machucam e\ou projetam o corpo, encaradas na rede educativa das crianças e como, muitas vezes produzimos a dimensão estética para encontrar a felicidade política em sala sem a demanda canônica, continuamos com outras formas de pesquisar as relevâncias da vida: o choque visual e sonoro para transgredir a escola.

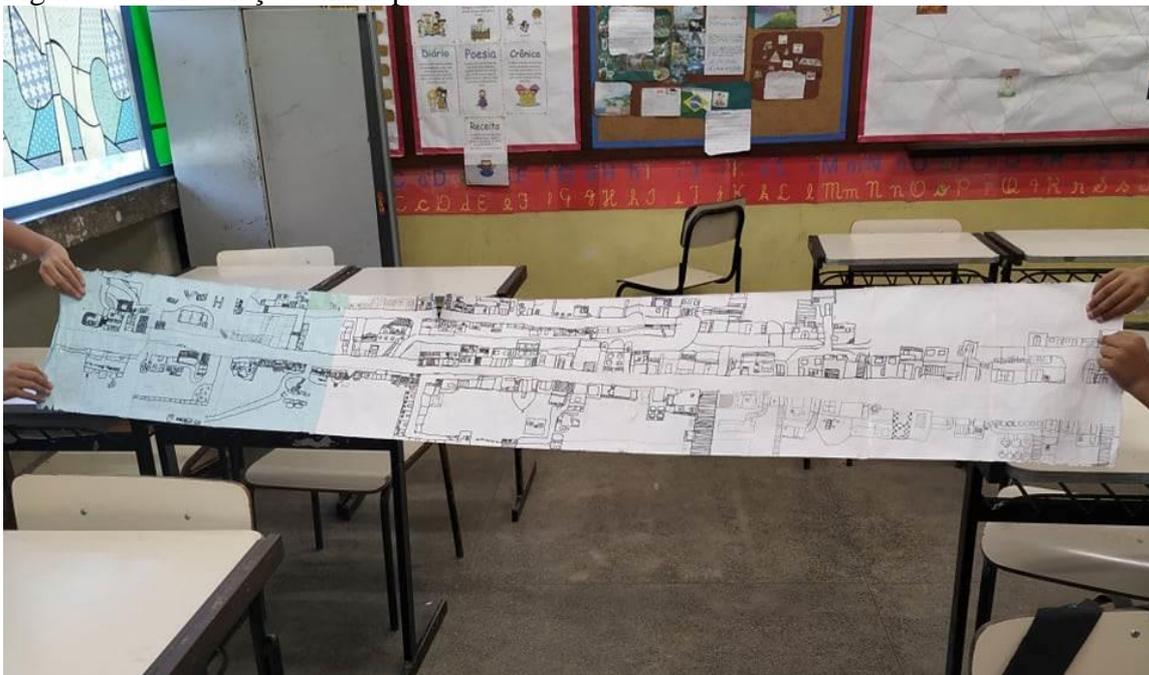
Uma das questões importantes, segundo Alves (2019), é ir além do já sabido, o antigo virar de ponta cabeça. Agora, tão relevante quanto, evidenciar as liberdades cotidianas, é, também, cruzar as linhas hegemônicas e delas encontrar o que não sabemos. A compreensão das demandas que não podemos ainda enumerar faz parte da busca incessante do desconhecido. As crianças mapeiam suas relações com a vida dentro da escola. Sobre essa cartografia percebemos que paira a razão sensível, na qual Maffesoli (2018) já dizia, “a razão sensível atesta a complicação desse mesmo mundo, é o coração pulsante da ética cotidiana (p.06)”. Um mapa dos encontros, dos conhecimentos, dos movimentos ...

Sempre em diálogo vamos redesenhando nossas rotas. As crianças dizem:

- Desenhar onde ando, o que vejo, o que faço (Emilly).
- Um mapa de como caminho até aqui (Andressa).

Por isso, chegamos assim à uma *mesclação*<sup>6</sup> do ser.

Figura 33 – Mesclação em mapa.



<sup>6</sup> Palavra surgida no diálogo.

Após o mapa mesclado das crianças, o conteúdo geográfico ganha a bola da vez, nas linhas dos trajetos e conhecimentos desenvolvemos mais uma atividade. Estudando os mapas nós tivemos um diálogo complexo sobre as divisões da cidade do Rio de Janeiro, algumas crianças ainda não tiveram como atravessar as divisas da zona oeste, zona norte e zona sul, porém já experimentaram nas visualidades e sons a circulação de valores desses territórios. Viver a escola no agora é enfrentar a circulação da sociedade e desestabilizar o status quo e suas hierarquias. Na diferença do corpo e na restauração da sua igualdade social colocamos em jogo imagens sobre o mapa da cidade do Rio de Janeiro.

Figura 34 – Cidade do Rio de Janeiro.



Bom, entre tantas imagens da representação da cidade as crianças titulam alguns trabalhos: Criança tem direitos e Fora do limite e a reestruturação do ensino geográfico ganha a posição do corpo nas redes de poderes.

Para Courtine (2013) a diferença geográfica do corpo é a primeira construção da curiosidade humana. O corpo estrangeiro transita entre as linhas sociais, é outro que necessitamos descobrir e encontrar signos para decifrar. A busca incessante acaba por determinar a marginalização deste outro imensurável e indescritível corpo. Em resposta à invisibilidade e opressão do estrangeiro, o mesmo se aventura na performance corporal efêmera. O corpo suporte da própria imagem na qual se afirma e defende se mostra mais ambicioso. “As marcas corporais implicam igualmente uma vontade de atrair o olhar, de fabricar uma estética da presença [...] estejam elas permanentemente sob o olhar dos outros ou somente daqueles cuja cumplicidade se busca (LE BRETON, 2013, p. 40)”. Busco perscrutar o corpo que olha a si e desse olhar projeta o mundo incessantemente, em deslocamento em meio à complexidade das sensações. Um corpo sensorial antes de qualquer autodenominação. O olhar de si talvez seja o enigma da alteridade estrangeira, negar um corpo ou recuperar o corpo que some ou emerge é certamente um desencontro entre os elementos conscientes e simultaneamente um encontro do inacessível a nós mesmos que contemplamos o intraduzível prazer da vida.

Quando aludimos ao estrangeiro, nos referimos ao território que não é de origem do sujeito implicado, mas, na mobilidade do corpo na qual o estrangeirismo se dá, ao se reinventar para além do que as forças externas o tentam impor. Cada corpo é também constituído pela condição estrangeira, que se distancia a todo instante de uma exatidão e fixação. Uns expressam esse nomadismo corporal implicitamente, outros vão em pequenos gestos, mas sempre haverá um movimento inacabado e incessante. Para Courtine (2012), esse é o segundo ponto que atrai a curiosidade humana, o corpo estrangeiro raro.

Comumente, o corpo raro desperta o discurso acusador do dano, portanto, sua diferença rara só poderia indicar o erro. Portanto, é necessário corrigi-lo e oferecer-lhe mais acessórios e regras de boa convivência.

Santos (2007) escreve sobre o corpo sociológico que transita nas linhas sociais (deste lado da linha\do outro lado da linha), sua incorporação nos discursos outorgados tem como consequência, como já havíamos ressaltado, um movimento de expandir-se em criações convergentes com a ordem. A grande transgressão de tecer um cotidiano criativo está inserida na mobilidade e intromissão das crianças em meio aos signos sociais, num *saberfazer* sinuoso que desloca as linhas da escola. Nestas circunstâncias, a criança torna-se uma ampliadora da

bagunça, mas vê-se confinado sob as regulações, residindo em apropriações. A coerção se torna extrema ao demarcar como critério de sociabilidade as zonas ditas civilizadas, com condições impostas ferindo o direito civil em cooptação com o controle do Estado na gestão das instituições estatais (SANTOS, 2007). A cultura visual e seus sons moveu um vasto campo prático das redes educativas, um pouco menos intangível e belo, mas duro na precisão das críticas sociais do corpo.

### 3.5 Movimento bagunceiro

Dentro ou fora da escola, para comemorar... a vida!

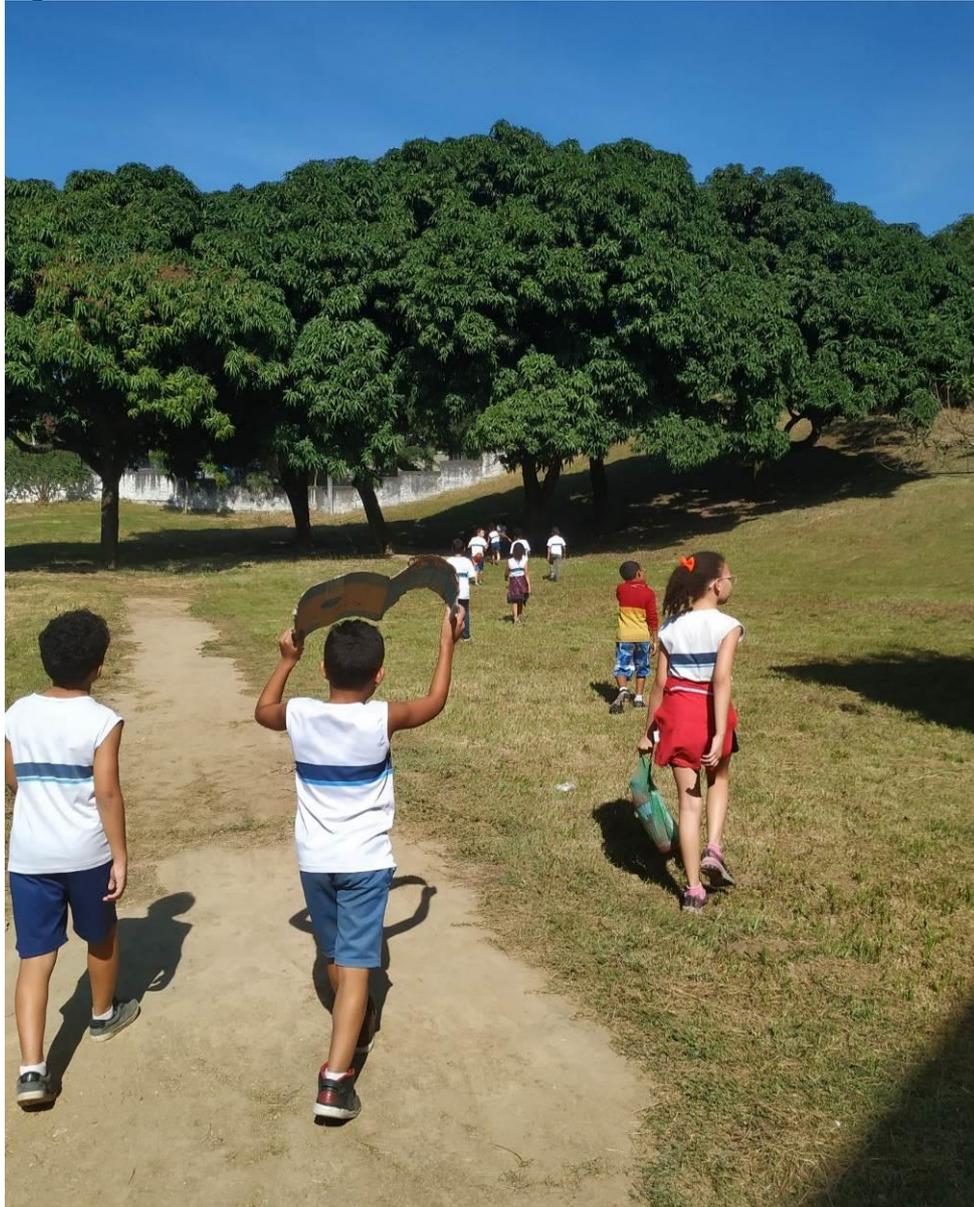
*Nilda Alves*

No período de oito horas as crianças vivem uma extensa e intensa relação com a sala de aula, ou seja, com os espaços físicos e com os seus companheiros e professoras, sendo quase inexplorável, outros ambientes que não estejam na programação rotineira. Na investigação conjunta dos conhecimentos, vemos as variedades de lugares dos quais podemos atravessar fora da sala, mas dentro da escola. Às vezes, nós perdemos nas armadilhas dos cadernos cheios de escritas à lápis. Esses acessórios também montam o figurino estudantil.

Mas, pensando em invenções, e além disso, inteirações festivas no espaço escolar estendemos a libertadora lição bagunceira de um piquenique na área externa da escola. Qual fosse o objetivo da atividade, a meninada ao sair da sala de aula relaxa seus corpos da tensão escolar, quase imediatamente se adaptam a qualquer possibilidade de liberdade, assim o objetivo que foi oferecer momentos prazerosos via a quebra das rotinas propiciou outro modo de estarem juntos, e, certamente, um outro modo de aplicação pedagógica.

O ritual festivo está intimamente ligado ao lado instintivo do corpo. Quando desfrutamos com mais liberdade dos prazeres de estarmos juntos, espontaneamente liberamos os sentimentos recalçados. A escola contempla eventos festivos, mas que obedecem à um conjunto de prescrições, isso não significa que não sejam necessárias, mas como estamos percorrendo indícios, um rito festivo se vale da espontaneidade e, novos modos de festejar a própria escola e os sentimentos envolvidos na dimensão educacional. A presença na área externa despertou novas sensações e um ar de degustação, não apenas dos alimentos, mas das oportunidades trocadas e do descanso do corpo, entre os exercícios educacionais.

Figura 35 – Ao ar livre.



Antes de marcar o piquenique as crianças combinaram entre elas trazer algo para saborear. Apontando os meios curriculares, que deixam marcas, incentivei alimentos naturais, para o dia de celebrar o reencontro deste *espaçotempo* escolar à festividade do corpo. Na grande energia exposta no dia a dia, o poder de festejar, comendo e correndo, foi uma das possibilidades de retornar à sociabilidade dos ímpares corpos.

Como Maffesoli (2009) nos diz, estamos cada vez mais superando o individualismo, em decorrência da identificação com um grupo. As crianças, afetadas pelo sistema escolar, constituem suas tribos identificáveis sob vários aspectos, primeiramente o uniforme identifica o pertencimento maior, porém, esse universo maior se dissolve meio a identificações e afinidades específicas. Os pequenos grupos de identificação são inventados e ampliam os *saberesfazer*es no cotidiano escolar.

Nada como a bagunça para livrar o corpo das convenções e alimentar não apenas o organismo, mais o corpo inventivo. Durante o piquenique as crianças trocaram informações referente aos alimentos, os modos de consumo, suas preferências, nomes diferentes e até memórias de vida à qual remetia o alimento. Um cruzamento de *saberesfazeres* foi sendo executado no festejo do corpo, percebemos que as aulas prescritivas não alcançam a sutileza do atravessamento da sensibilidade. Nessa compreensão, aponto a sala de aula muito pesada, signos e obrigatoriedades pressionam um corpo em constante luta diária, mas o contra ponto são os movimentos que podemos realizar como estratégia.

Figura 36 – Comendo e comemorando.



Nossa vivência cotidiana tudo cria. A questão estética, marcante para a pesquisa, concentra técnicas de novos consumos aos artefatos escolares. Um aspecto interessante para pensar no valor significativo das formas de resistir ao que é outorgado como legítimo à hegemonia.

O currículo praticado emerge de um discurso, ou prática que sofreu reação contrária ou mesmo a retaliação de uma ação, sendo necessário um novo ajuste. Na fertilidade dessas rotas reconheço a ampliação do currículo pela dimensão corpórea. Refiro-me ao trabalho no qual o corpo embasa a ecologia de saberes (SANTOS, 2000), sem a detenção dos saberes. No processo de formação humana, aqui no espaço escolar, há a necessidade de incorporar a invenção do saber-estético, que de imediato, não se encontra valorizado nas lógicas hegemônicas.

A abordagem ecológica privilegia uma concepção de mundo vista de forma integrada, interligada e interdependente (entre o físico e o social). Se o paradigma dominante modelou a ciência moderna, sobrepondo a razão à matéria, a ecologia propõe uma concepção holística ou articulada, conforme as versões, da razão, da matéria e da vida, sendo os seres humanos vistos como parte de uma rede sem centro (p. 29).

A necessidade de um diálogo permanente, defendida por Santos (2000), contempla os modos de estar, viver e entender o mundo, para que assim, possam ser desenhados mecanismos e modos de contemplação, permitindo transformar o que existe e é hegemônico. A extravagância superficial, posta nas produções dos seres humanos, encarcerados em um uniforme, é uma das pistas de uma nova ecologia dos saberes. Acoplar-se ao mundo, inevitável às subjetividades, também é uma prática de subversão do e no corpo.

Berino (2016) dialoga com a artealização do cotidiano escolar pelo corpo, a fatura que contrapõe muitas visões do que se passa na escola. Por isso, a arte da bagunça interessa, primeiramente, as crianças e depois, aos pesquisadores que desejam vivenciar novas visões das escolas feitas nas incontáveis dinâmicas.

Os coautores da pesquisa praticaram os direitos de aprender e de ser sujeito do próprio processo educativo de uma maneira um tanto bagunçada, confusa, conflituosa... Retratando a complexidade das nossas relações, instituições, normas e desejos. Queremos sempre tecer essas influências para o bem estar emancipatório, o movimento de tudo, das coisas, continua em sala.

Figura 37 – Bicicleta humana.



Com vocês uma bicicleta humana, não posso mensurar o quando se deu, foi fugaz sua criação. Era um ensaio para a curta experiência de um concurso de dança espontâneo e desafiador ao mesmo tempo para nós. Corria o risco de a coordenação bater à porta e se deparar com uma bicicleta de crianças. Mas o deslocamento dessas ações que mantinha viva o amontoado instintivo para impulso de reaprender a escola. Sabiamente, os alunos requisitaram uma competição de dança. Eu só precisava arrumar o espaço e tocar as músicas, o resto era com eles e sempre foi!

Vários grupos formados com seus gostos musicais, tivemos: Shakira, Anitta, Ludmila, Taylor Swift, Mc Kevinho, Marília Mendonça, Luan Santana e etc... E aparentemente, nenhum conteúdo sistemático, mas quase no fim do trabalho, reconheço que curtir apenas o supérfluo sempre foi desenvolvido por nós de maneira qualitativa na formação humana.

Figura 38 – Apresentações de dança.



Para tocar o corpo fui despindo ideias e atitudes que desvinculam o corpo do ser humano, introduzindo o reconhecimento da amplitude, inquietude e o mistério das metamorfoses nas táticas, estéticas contidas nos *saberesfazeres*.

Muitos acessórios do corpo agitam a bagunça contribuindo para pensar em modos de intervenção singular. Na brincadeira das selfies nos recuperamos o manuseio dos gostos em nos apresentar à vida. O celular acoplado ao corpo não poderia deixar de ser registrado nos usos cotidianos das escolas, uma mídia tecnológica que também se torna útil ao reinventar artes diárias.

Com um celular nas mãos e aquela luz que vem do projetor organizamos uma mostra de imagens. Que extraordinário as imagens que foram aflorando para o momento que

estávamos enfrentando dentro da sala de aula, a baixa estima de alguns corpos femininos, inconformadas por não se sentirem bonitas, literalmente a estética do corpo se faz latente, meninas novas que sentem o peso de carregar desde novas a luta feminista negra contra os padrões.

A cor azul foi a encontrada no reflexo do projetor, queria que as meninas ficassem à vontade para brincar com a própria imagem. E assim foi acontecendo, uma posicionava a câmera do celular e outra servia de modelo. Aquele olhar de lado, que muitas delas trocavam por motivos conflituosos, foram dando lugar a sororidade. Uma prática feminista microbiana, envolta na bagunça do celular.

Figura 39 – Na luz.



O autorretrato, dedicando-se a beleza corpórea, em seus hadicaps, estrangeirismo social, e vitalidade ... Partes de rostos que vemos e diluímos representa o desejo de sentir a amplitude humana. Nós brincamos com o abstrato teórico, invadimos a ludicidade imagética e encontramos no desejo do posicionamento visual a invenção. “A imagem do corpo é aqui a imagem em si, alimentada pelas matérias simbólicas que mantêm suas existências em outros lugares e que cruzam o homem através de uma fina trama de correspondências (LE BRETON, 2012, p. 30)”.

Quando olhamos as imagens as meninas conseguiram se reconhecer, mesmo faltando partes, mas o melhor de tudo foram os detalhes citados dos quais nunca teria notado sem a participação delas. Anna Luíza diz:

- MEU SORRISO DITO NO OLHAR!

Essa foi a frase que moveu exatamente a dinâmica cotidiana, explorar presenças em suas ressignificações. O olhar também sorri, assim, percebo que outras formas de consumir o mundo são válidas e empenham um entendimento íntimo. Ela preferiu evidenciar o seu olhar

para sorrir, do que, simplesmente sua boca. O celular, um dispositivo de acesso à redes educativas, conflituoso e poderoso, proporcionou um olhar estético sob nós mesmos.

A ideia de o corpo habitar vários corpos durante seus relacionamentos, supõe um atravessamento coletivo de marcas. Por isso, o impulso de se exteriorizar corresponde a um envolvimento social, seja dentro de um ciclo que o retém ou em um corpo coletivo que o sacode em interações afetivas. Não há de haver um corpo tecido na solidão.

Quando pensamos na discussão do celular em sala de aula, vemos uma tensão entre lazer versus estudo. Mas podemos simplesmente nos embelezar, coisa que não é difícil para o ser humano. As novas tecnologias incentivam o corpo a invenção e aproximam os seres humanos aos gostos. As redes sociais são pulsantes na articulação juvenil e conectam o corpo as máquinas. Nas evidências dos modos de consumir o mundo, os alunos criaram, espontaneamente, um grupo para a turma. E como antes tínhamos trabalhado com o celular para fotos, usamos o grupo para um novo point de encontro e acordos. Não estamos estendendo as aulas oficiais, pelo contrário, estamos jogando na rede memes, brincadeiras e jogos que interagem a realidade dos alunos.

Figura 40 – Grupo no Whatsapp.



No uso do WhatsApp percebemos o acoplamento das tecnologias em sala de aula. Os memes fazem parte do dia a dia das crianças, alimentam a diversão e interligam a escola aos

novos elementos supérfluos da vida. Se busco alimentar a pesquisa com a fertilidade dos movimentos corpóreos, preciso entender os memes que pairam no cotidiano escolar.

Nos diálogos do grupo poderíamos encontrar desde dúvidas sobre os conteúdos até a descontração da cultura visual e sonora. Uma rede tecnológica dentre tantas que compõem as redes educativas. Além de fomentar um novo meio para aproximar os alunos dos conteúdos escolares – mesmo não sendo o objetivo central, reconhecemos uma nova dinâmica do corpo: a expansão dos seus modos de existência.

Os novos saberes, através de um aplicativo, redirecionam um novo botão de sentimento na escola, como vemos nas publicações das redes. O sentimento de pertencimento ao cotidiano escolar, do qual venho querendo expor e conquistar por meio da valorização das presenças e a destaque valorizador dos corpos. Não que os corpos materialmente não tenham constituído as escolas e demais instituições sociais, contudo, suas presenças como indivíduos com aptidões sensoriais singulares, com histórias, visualidades e modos de ser diversos, foram, historicamente e por muitas razões, escamoteados e reduzidos à uma impossível uniformização em benefício do hipotético bom funcionamento escolar.

Sobre as descobertas cotidianas, poderia pensar no grande avanço que experimentei ao buscar a inserção das redes nas nossas dinâmicas. Toda vida, almejando outras lógicas, sinto-me apenas inserida pelas crianças nas dinâmicas que já acontecem cotidianamente.

O grupo existiria facilmente sem a minha presença, o meu papel como professora não configura a permissão das práticas em sala. A minha aceitação no grupo inclina o nosso pensamento sob os efeitos de uma gestão compartilhada.

Nas redes sociais a palavra compartilhamento introduz um cruzamento de informações. Como estamos interessados em movimentos, os corpos ganham novas experiências de deslocamento na dimensão virtual.

### **3.6 Movimento professora-pesquisadora**

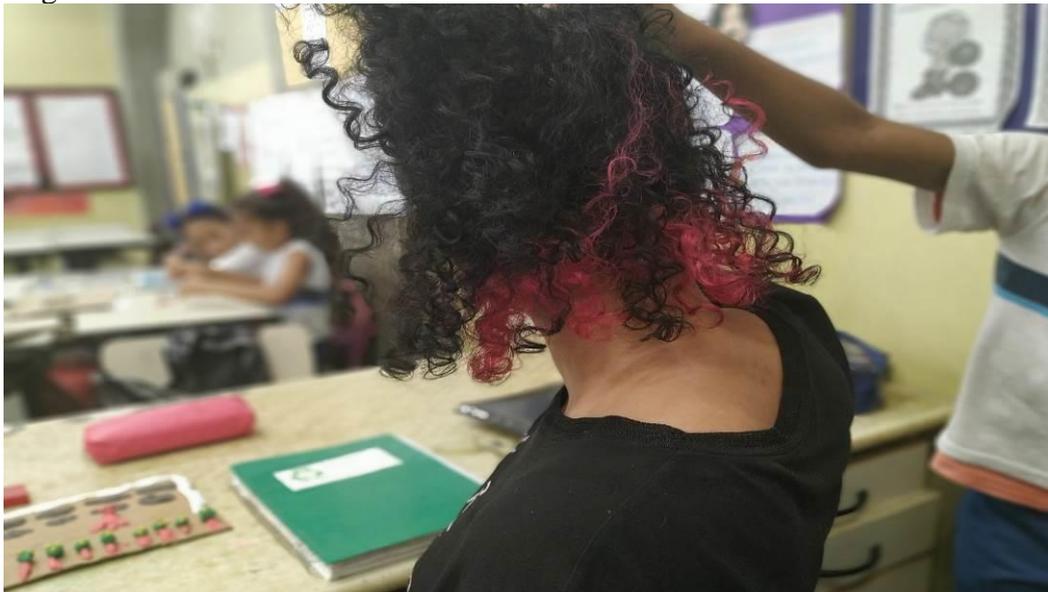
É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil.

*Paulo Freire.*

Nesse último capítulo, não poderia deixar de escrever sobre como fui atravessada pelos movimentos da vida, a cada pista construída meu corpo ganhou um novo toque. Compreendo que seja meus sentimentos interiores se expondo visualmente. Meu cabelo se tingiu, meu rosto ganhou expressões e encontramos novas formas de pensar a sala de aula.

As crianças moldaram uma professora juvenil, mesmo sendo nova, nunca optei pela transformação radical, fui sendo envolvida pelo cenário estético das relações e produções das crianças e sem resistência meu corpo se deixou afetar. Sinto que cada vez que inovava e traçava um vestuário irreverente as crianças iam acolhendo a professora em mutação. Ser uma professora que rompe com a imagem padronizada da docência insere um novo olhar dos alunos para os compartilhamentos. Foi uma estratégia criada no processo, mas constituída na vida pela incorporação à pesquisa. Obrigada por cortarem e pintarem de cores meu cabelo, por furarem meu nariz e misturar movimentos.

Figura 41 – Cabelo colorido.

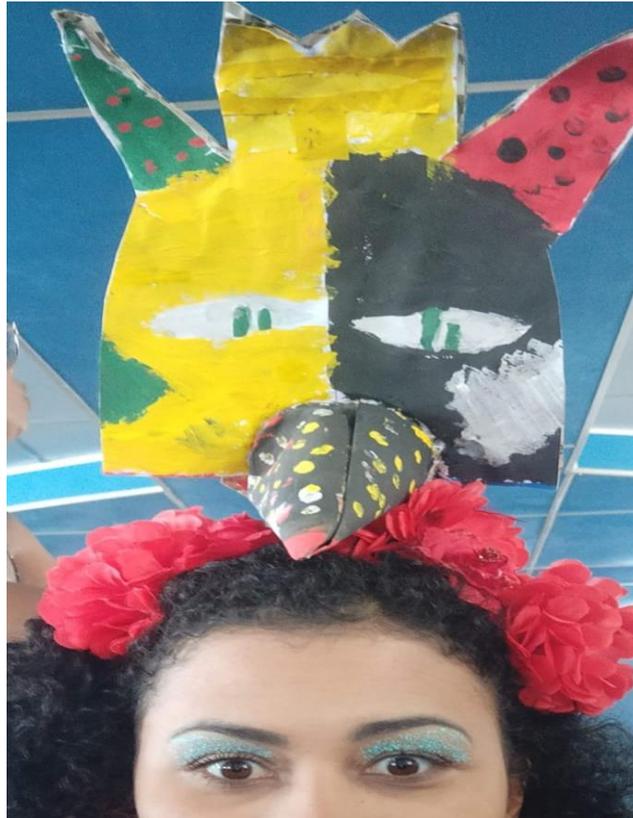


Diante de uma plateia real investi na minha animalidade e deixei que vissem minha errância como ser humano. Do mesmo modo que não há aplicação possível de modelos, nem protocolos obedecíveis, não há aplicação de um modelo de professora que atenda à tais protocolos. É muito real que ao fechar as portas da sua sala de aula o poder de criar a novidade utópica fica mais próxima, e ao mesmo tempo, o ser humano complexo da docência invadi linhas tradicionais e inovadores. Essa circularidade envolve embates, conflitos e conversas entre conhecimentos formais e não-formais.

Toda a conversa feita em palavras também foi transcrita na visualidade. Aprendi, juntamente, nesse processo de escrita sobre a importância da imagem e a produção dela como

pessoa e coletivo. Hoje busco sempre um novo olhar sobre os acontecimentos e o modo de se apresentar visualmente aos meus alunos. Na busca por transparecer o imaginário estive sempre mesclando cores, atitudes e gestos. Fui relembando as primeiras palavras desse texto e vendo o quanto fui criando meu bodyart. Estou apaixonada pelas transformações ocasionadas como corpo diante desses dois anos de *práticaestudoprática*.

Figura 42 – Carnaval.



Ainda, exteriorizando as transformações da pesquisadora-humana-professora, prometo a nós que, o que fazemos não estará apenas registrado em um papel escrito. O meu cotidiano além da escola carrega nossos feitos diários, combinado de realizar todos esses trabalhos conjuntamente, invisto em algo feito durante nossa pesquisa para celebrar o carnaval e o imaginário dos meus alunos. No improviso coloco à máscara feita em uma de nossas aulas e vou à um bloquinho do Rio de Janeiro.

Na festa pulsante de fevereiro encerro um ano e meio de muitos caminhos, fantasiada pelo hedonismo da sala de aula, mostro a turma imagens que, como humana, humaniza nossa pesquisa. Sthefani, Kauã, João Pedro, Samara, Ana Clara, Gabi, Yuri, Ryan, Andressa, Ana Vitória, Allana, Marcus, Anna Luíza, Emylli, Geovana, Denilson e todos os outros, sem mérito à mais ou menos, celebram e riem da professora que um dia saiu com um feito deles pelas ruas.

## PARA SE PERDER E INVENTAR NA PESQUISA E NA SALA DE AULA

Antes dessas palavras finais, preciso registrar o quanto a pesquisa não seguiu uma linearidade. Em um movimento cartográfico de fazeres, desejos, gostos e toda palavra que não contempla o sentimento, circulamos linhas de encontros e atividades que se iniciaram sem conexão predeterminada. Nos movimentos: belo, intangível, redes educativas, bagunça e professora-pesquisadora, temos a indissociabilidade dessas práxicasteorias.

O que está expresso em sequência nesta dissertação, ocorreria em um *espaçotempo* aiônico. Pelas formalidades, mas que se abrem nesta pesquisa, há uma sequência, no entanto, desejo que os leitores, tenham uma leitura aberta e dinâmica, conforme foi a pesquisa.

No percurso estético do corpo na escola, anseio pela corporeidade tátil do que podemos chamar de vida cotidiana. Tento atividades que levem ao questionamento e à escuta da força poética do corpo, com suas manobras de explorar sua topologia e conquistar novos avanços. Tais aspirações possuem um caminhar contínuo, sem uma chegada e um ponto final. Ainda que sejamos emaranhados no mundo, a vitalidade, conquistada por nossas próprias táticas sob o peso das estratégias, nos ajuda a fugir dos tradicionais conceitos sobre nós mesmos, conceitos herdados e não realizados a partir de nossas experiências.

Assim, na pesquisa, desejo ultrapassar conceitos prévios do que a envolve, como corpo, escola e os seus contextos. Longe de buscar meios racionais de apreensão das realidades, como aplicação de métodos qualitativos tradicionais ou os quantitativos, intento atividades intuitivas cotidianas, envolvendo o corpo a meios de expressão poética. Em outros termos, usufruir de experimentações sensoriais e da simplicidade dos encontros com os sujeitos da pesquisa.

Entre resultados, nada formais, a vivacidade cotidiana do corpo desenhou uma vivência única, proporcionada pelo envolvimento de cada criança com a pesquisadora-professora. No recolhimento das pistas percebi as metamorfoses do corpo e a necessidade, diária, de reconhecer e explorar a dimensão estética nas temáticas do dia a dia. Os temas recorrentes, de importância democrática, tornam possível os atravessamentos da vida real à invenção imaginária. A escola emerge de *práxicaspensantes* das crianças, elas, por sua vez, não são exclusivamente pertencentes à escola, por vestirem o papel social do aluno. Nessa compreensão, o ser humano, dentro dos recursos que pude explorar, pertencem as redes educativas do mundo.

A pesquisa também colaborou para o trabalho docente em sala de aula. As atividades foram se interligando e formando redes contínuas. Com um outro olhar, tive a oportunidade

de reinventar os processos de *ensinoaprendizagem*, mesmo não sendo a prioridade da pesquisa. Mas indiretamente, atingimos outros pontos que possuem relevância para o papel docente e, principalmente, o tão dito, protagonismo discente. O corpo protagonista apontou a cartografia de um cotidiano fértil e impulsionador das pistas para, no limite dos possíveis, a democratização da sala de aula.

Aponto a necessária combinação dos elementos para caminhar nos\dos\com cotidiano escolar, todos os aspectos de criações estéticas, sentimentos, conhecimentos, práticaspensantes, permeiam a escola e insinuem a linha abissal das rotas cotidianas. Mas ao mesmo tempo, na profundidade dessas linhas, prezo a superficialidade que demonstram as táticas banais.

A beleza expressa e analisada contempla, para os envolvidos na pesquisa, altos efeitos de estranhamento e pertencimento. Os estranhamentos foram decorrentes das alterações feitas, por uma professora, nos\dos\com cotidianos escolares. Pois, rupturas discentes são encontradas diariamente. A minha intervenção, proposital, atravessou a linha do professor tradicional para um novo papel desempenhado na sala de aula. E, dialogando sobre memórias, as crianças lembraram outras atividades, em outros anos, que foram realizadas por outros professores. Uma confirmação importante, para embelezar e fortalecer as epistemologias da criação.

De modo a conhecer os embates, conflitos e relações dos corpos foi preciso estar em seus cotidianos, percebendo-os para além da perspectiva da aplicação de conteúdos e normas. Nas ressignificações das existências evidencia-se a contribuição das escolas públicas e das democracias juvenis, bem como a das pesquisas nesse campo para o redescobrimto do cotidiano escolar.

A releitura da criação pode ajudar a elucidar novos pensamentos sobre o processo de criação de uma imagem e, visto que, a produção estética abre possibilidades maiores que a palavra, aposto na força imagética como parte indispensável da dissertação. A ideia seria de que ao revisitar as imagens coletadas e criadas ao longo da pesquisa pudéssemos construir conhecimentos plurais. Visto a potência atemporal da imagem para o trabalho do movimento cotidiano.

A mediação nas atividades que seriam novidade à rotina escolar nos fez nos sentimentos satisfeitos com o diferente. A expressividade e interesse pelo desconhecido, muitas vezes, era visto como um refúgio tanto por mim, quanto pelas crianças, aos cansaços e desgastes físicos e emocionais.

Diferentemente da busca por viabilizar interesses sonhados do vir a ser, entendi que nossa viagem cotidiana retratava o que vivíamos. Posicionamos os modos emergentes da vida em sala de aula e dela tiramos proveito, algo que parece fácil para as crianças, que já espontaneamente recorrem ao instinto, ao prazer e a sobrevivência.

Vivíamos a tensão do currículo disciplinar versus o currículo praticado. Mas, o que podemos compreender entre essas tensões é que não existe a exclusividade de um sobre outro, ambos compõem a vida escolar. Igualmente, seguiu sendo importante para nossas dinâmicas e *saberes-fazer*s. Encontramos na produção estética um suporte para chegar ao indescritível e até mesmo acerca da imagem compreender o descrito, tivemos o descobrimento nos modos de agir mais próximos e compatíveis com os discursos que somos capazes de produzir na escola.

Mais que a produção de uma crítica as formas de pensar a sala de aula, produzimos nossa capacidade, naquele instante, de realizar a escola que está dentro de outras escolas. De maneira idêntica, os conteúdos previstos e os necessários na nossa transformação foram produzidos em atividades táteis, sensíveis, do que propriamente discursadas.

Em virtude do termino da escrita para concluir a dissertação, reitero que o ponto final deste trabalho na verdade significa uma vírgula de continuação do trabalho profissional e acadêmico. Desejo poder voltar à essa escrita e encontrar novos enredos e movimentar meus próprios conhecimentos.

Pretendo assim, dar continuidade à busca pelas cartografias corpóreas do sentimento do mundo na escola, de forma a alcançar as mensagens das sensações antes de qualquer tradução das operações dos corpos e movimentos. Entendo que, apesar de não precisarem do reconhecimento da magnitude de suas práticas, os corpos somam ao mundo suas formas de articulações culturais. A cultura escolar não é isolada da cidade que a contém, é rede de saberes em trânsito livre através dos muros de alvenaria ou curriculares da escola e seu veículo mais importante é o corpo incarnado de cada sujeito que vive seus cotidianos. Nas escolas, as tribos infantis e juvenis adensam seus mundos ao passo que desdobram e ampliam seus corpos. Em meio às pretensões da pesquisa, propus um trabalho interdisciplinar, envolvendo produções estéticas e suas discussões.

A escrita do pragmatismo cartesiano carrega marcas divisórias, enumera-se traços físicos e sociais para descrever o sujeito, desprezando ou diminuindo a sua expressividade e presença nos espaços que atravessa. O olhar hegemônico aprendido no mesmo dispositivo de controle nos cega para as pequenas conquistas cotidianas que somadas indicam devires. Diante disso, para além da escrita e do olhar superficial, está o cotidiano das sensações, que por sua vez, pode ser um meio eficaz à compreensão das realidades sociais que envolvem o

tema pesquisado. Tento conduzir a investigação a partir das possibilidades criadas, narradas, fotografadas e inspiradas nos encontros/aulas.

Ainda sobre o movimento do mundo ...

No movimento que se deu a pesquisa, ao fim, vejo a pausa. As práticas humanas, por mais excêntricas e desconhecidas, possuem um plano de fundo do qual ousamos tentar controlar: a vida. Essa a qual testamos nossas: forças, paixões, ódios e modos de viver. Tive o prazer de apreciar a agitação diária das crianças em suas relações ímpares do querer estar junto. A escola, um pequeno exemplo dos lugares de convívio intenso, pareceu constituir-se por um choque de movimentos. E por mais que ressaltássemos a beleza do mover-se, tínhamos a necessidade da sua, mesmo que momentânea, interrupção.

O corpo que caminha a prática de transformar o espaço de forma simbólica e física também precisa deter-se. Em dias exaustivos, com ritmos frenéticos, tanto a professora-pesquisadora quanto as crianças queriam apenas parar. Uma tarefa fácil, mas que não cabia dentro dos nossos dias. Um fragmento recolhido, não descrito. Eu estava exausta, lecionar e pesquisar, além das artimanhas pessoais, pesava, mas eu não poderia parar. Dava para sentir também o cansaço das crianças, uns dormiam em sala, outros recusavam copiar e alguns relatavam que só queriam ficar em casa naquele dia.

Nada disso, tornou-se importante durante o processo de mestrado, para pensarmos como movimento também nos suga, mas, como desejamos e precisamos aproveitar. Complexo, mas agora para refletir, sem o agir, terminei a dissertação no mesmo tempo que terminamos nossos dias letivos. Não poderia deixar de relatar o impacto que a COVID-19 trouxe sobre os modos de viver. Uma pandemia que tomou proporções incomparáveis. As escolas fechadas foi só um dos efeitos que o vírus instaurou.

Um ponto de pausa de uma vida passante que precisa de pés descansados para prosseguir. A mesma intensidade que dei a pesquisa em movimento em sala de aula, dou a lentidão de detê-la. Enfim, faço um lembrete que as aulas remotas não podem mensurar o que estamos sentindo nesse momento único, as crianças precisam da escola, mas para lembrar que possuem um espaço de trocas, afetos e sensações, não é hora de entulhar conteúdo.

A escola experimentada na dimensão do *espaçotempo* retornará.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda; ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra. *Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas conversas acerca deles*. In: Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba, CRV, 2019, p. 19 a 45.
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2008, p 15 a 38.
- ALVES, Nilda. *Sobre movimentos das pesquisas nos\dos\com os cotidianos*. In: Nilda Alves: praticantespensantes de cotidianos \ org: Alexandra Garcia, Inês Barbosa de Oliveira; textos selecionados de Nilda Avles – 1ed. Belo horiozonte: atêntica, 2015, p.153 a 160.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Verbo ser*. Disponível em: <http://www.velhosamigos.com.br/Ilustres/mariocampello1.html>. Acesso em: 11\12\18.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2006.
- BERINO, Aristóteles. *Juventudes, estetização da escola e artealização do cotidiano: olhar e imagens na pesquisa em educação*. Goiânia, visualidades v.14 n.01 jan-junh 2016, p.38-53.
- CAMPOS, Ricardo. *Introdução à cultura visual. Abordagens e metodologias em ciências sociais*. Lisboa, mundos sociais, 2013.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: O caminhar como prática estética*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós estrutural*. São Paulo, Ubu editora, n-i edições,2018.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 1 Artes de fazer*. Petrópolis, Rj: :Vozes, 18.ed, 2012.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis, Rj: Vozes, 2013.
- DURAND, Gilbert. *L'imaginaire: Essai sur les sciences et la philosophie de l'image*. Paris: Hatier, 1994.
- FARIA, Lia. *A utopia possível: revisitando os CIEPs do Rio de Janeiro*. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 3 N.2 –jul/out 2017 pag 98 -112.
- FILHO, Aldo. *A arte na/da educação: a invenção cotidiana da escola*. Tese de Doutorado, 2005. PROPEd, Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- FILHO, Aldo Victorio. *Enfrentamentos contemporâneos do ensino formas das artes: cultura visual, o corpo e a arte*. Encontro Nacional Ecosystemas estéticos, 2013, p.3203 a 3216.

FILHO, Aldo Victorio; SILVA, Pâmela Souza da Silva; NASCIMENTO, Rodrigo Torres; SILVEIRA, Victor Junger. *Alunos ensinam professores a ser professores na escola que não é mais escola*. Educação Santa Maria, v.42 , n.3, set/dez 2017, p. 597 a 614.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, vozes, 1987, 288p.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 44ed, 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP. 2000.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Rio de Janeiro, L & PM, 1994.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC- RIO, 2010.

HERNADEZ, F. *A cultura visual como convite à deslocalização do olhar e o reposicionamento do sujeito*. In: Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos. Santa Maria, ed.UFSM , 2011.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo, Editora Martins fontes, 2013.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo. Antropologia e sociedade*. Campinas – SP, Papirus, 6 ed, 2013.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis – RJ, Vozes, 6.ed, 2012.

LOUZADA, Virgínia; ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra; CHAGAS; Claudia. *Iniciar um processo de pesquisa com e pelas as imagens*. I Seminário Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual, Uruguai, 2017.

MAFFESOLI, Michel. *A república dos bons sentimentos*. Iluminuras: Itaú Cultural, 2009.

MAFFESOLI, Michel. *Homo Eroticus: Comunhões emocionais*. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MAFFESOLI, Michel. *Pactos emocionais: reflexões em torno da moral, da ética e da deontologia*. Curitiba: PUCPRESS, v: 2, 2018.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Editora UFMG, 2001.

NOVARINA, Valère. *Diante da palavra*. Rio de Janeiro, Editora 7 letras, 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. *A pesquisa e a criação de conhecimentos na pós-graduação em educação no Brasil: conversas com Maria Célia Moraes e Acácia Kuenzer*. Educação e sociedade. Campinas, vol. 27, n 95, maio 2006, p. 577 – 599.

OLIVEIRA, I. B. *O Currículo como criação cotidiana*. Petrópolis: DP et Alli, 2012.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Utopias praticadas: Justiça cognitiva e cidadania horizontal na escola pública*. Instrumento- Revista de Educação e Pesquisa em Educação, Juiz de Fora, vol 15. n: 2, jul\dez 2013, p.191 a 201.

PAIS, José Machado. *Nas Rotas do Quotidiano*. Revista Crítica de Ciências Sociais, n:37,Jun 1993, p. 105 a 115.

RANCIÈRE, Jacques. *As imagens querem realmente viver?* In: ALLOA, Emmanuel (org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTO, Denise Espírito. *Corpos Maquínicos*. In: SANTO, Denise Espírito; MOTTA, Gilson. *Zonas de contato: usos e abusos de uma poética do corpo*. Rio de Janeiro: Outras letra, 2014, p. 9-21.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. *Novos Estudos*. Cebrap. Novembro 2007, p.71 a 94.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica a razão indolente – Contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.